



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Arthur Rodolfo Alves Teixeira

GENTRIFICAÇÃO E PERDA DE IDENTIDADE SOCIAL NO FUTEBOL

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof. Victor Hugo Godoy do Nascimento

Juiz de Fora
Julho/ 2017

Acima de tudo, dedico este trabalho, bem como todos os meus esforços, ao homem em si. Sim, dedico ao ser humano, nosso bem mais valioso! Pode-se perder tudo, menos a noção de humanidade.

Agradecimentos

Inicialmente agradeço à minha mãe, Jussara, que mesmo depois de todo tipo de turbulências que a vida pode proporcionar entre nós, eu sei que posso contar inteiramente com sua consideração e inexorável amor.

Agradeço indomitamente também aos meus amigos que constituem laços mais fluidos que qualquer vínculo de sangue. Tenho total noção de quem seja, independente do período de minha vida ao que os conheci – seja na infância, na adolescência ou na fase adulta -, estes irmãos por escolha serão transparentes como minha visão e sonoros como o pulsar de meu coração.

Enalteço, também, aos meus professores, que me ajudaram a construir a noção que eu tenho hoje. Em especial à Luciane Tasca e Victor Godoy, que se puseram a disposição de me auxiliar na empreitada deste trabalho.

“Humano, demasiado humano.”

NIETZSCHE.

Resumo

O tema central deste trabalho é a construção da noção de pertencimento e apropriação urbano/espacial que o futebol proporcionou ao povo brasileiro e como, como o advento do entendimento mercantilista e neoliberal muitas das características que ligam o brasileiro a este esporte foram sendo subjugadas em detrimento do capital. O presente trabalho aborda os fatores de preconceitos, segregação, e gentrificação ocorridos ao longo do tempo no âmbito do futebol e como eles são capazes de enfraquecer a identidade social deste meio. As análises se baseiam em trabalhos acadêmicos consolidados que permeiam as mais diversas áreas dos conhecimentos sociais. Estas investigações possuem o intuito estabelecer uma fonte de conhecimentos seguros e precisos que, por fim, concluem que a presença do futebol agrega indiscriminadamente para o entendimento cultural brasileiro, fato este que embasará um projeto de intervenção urbana e social em Juiz de Fora.

Palavras-chave

Futebol. Gentrificação. Urbanismo.

Lista de figuras

Figura 01.....	05
Figura 02.....	07
Figura 03.....	07
Figura 04.....	12
Figura 05.....	13
Figura 06.....	14
Figura 07.....	22
Figura 08.....	24
Figura 09.....	28
Figura 10.....	30
Figura 11.....	33
Figura 12.....	34
Figura 13.....	35
Figura 14.....	35
Figura 15.....	36
Figura 16.....	37
Figura 17.....	38
Figura 18.....	39
Figura 19.....	40
Figura 20.....	40
Figura 21.....	41
Figura 22.....	42
Figura 23.....	43
Figura 24.....	44
Figura 25.....	44
Figura 26.....	45
Figura 27.....	45
Figura 28.....	46
Figura 29.....	46
Figura 30.....	47
Figura 31.....	48
Figura 32.....	49
Figura 33.....	49

Figura 34.....	50
Figura 35.....	51
Figura 36.....	52
Figura 37.....	53
Figura 38.....	54
Figura 39.....	54
Figura 40.....	55
Figura 41.....	56
Figura 42.....	57
Figura 43.....	58
Figura 44.....	59
Figura 45.....	60
Figura 46.....	60
Figura 47.....	60
Figura 48.....	61
Figura 49.....	61
Figura 50.....	61
Figura 51.....	62

Sumário

1. Introdução	01
1.1. Justificativas	01
1.2. Objetivos.....	02
1.3. Metodologia.....	02
2. Aspecto histórico	04
2.1. Histórico brasileiro.....	06
3. Aspecto sociocultural	09
3.1. Motivações do enraizamento no Brasil	09
3.2. Política no futebol.....	11
3.3. O Negro	14
3.4. A mulher	16
3.5. O homossexual	18
4. Apropriação espacial	20
4.1. Entendimento dos espaços coletivos e informais.....	20
4.2. Grandes arenas	22
5. Gentrificação dos espaços	26
5.1. Caráter mercantil.....	26
5.2. Substituição do torcedor pelo consumidor	29
5.3. Gentrificação no contexto de Juiz de Fora.....	31
6. Estudos de caso	33
6.1. Requalificação para a sede social do América Futebol	33
6.2. O Incomum Campo de Futebol, intervenção em Bangkok	36
6.3. Conjunto habitacional Jardim Novo Marilda	39
6.4. Museu do futebol no Pacaembu.....	41
7. Análise de sítio	48

Conclusão	63
Bibliografia.....	65

1. Introdução

“Qual a maior paixão dos brasileiros?” (IBOPE, 2012). Em resposta a esta pergunta, 77% dos 1.969 mil entrevistados responderam prontamente que o futebol é seu fascínio e aquilo que alimenta seu entusiasmo.

Em 2012, segundo a Wassermann (2013), o público médio na principal divisão do futebol brasileiro foi de 12.983, número 13% inferior ao índice do ano anterior.

É compreensível, então, que o futebol passa por um período dicotômico, no qual, mesmo sendo algo de grande importância na vida e cotidiano das pessoas, a assiduidade dos adeptos se mostra decadente. Desta forma, este trabalho se torna um instrumento de análise sobre as motivações deste distanciamento do meio futebolístico, principalmente por parte do brasileiro de classes sociais não tão elevadas, a quem se deve grande parte das motivações para o enraizamento do esporte no país.

1.1. Justificativas

A justificativa do tema vem por meio da clara segregação em relação à participação de parcelas da população – como as mais carentes - nos estádios e ambientes privados relacionados ao futebol. A incapacidade de pessoas com menor poder aquisitivo de integrar as arenas esportivas se evidencia pelo gradual aumento do preço do ingresso. Se valendo do levantamento proporcionado apresentado por pela Pluri Consultoria (2013) apud Gonçalves (2013), “O preço dos ingressos mais baratos subiu 300% nos últimos 10 anos, período em que a inflação (medida pelo IPCA-IBGE) foi de 73%”. No mesmo período, e o Salário mínimo aumentou 183%. (Pluri Consultoria, 2013 apud Gonçalves, 2013). Esta gradual elevação de custos aos ambientes esportivos vinculados ao futebol revela um processo de perda de espaço por parte das populações menos abastadas, revelando, assim, um processo de gentrificação, como explica Fabio Raddi Uchôa:

O termo foi usado, inicialmente, pela socióloga britânica Ruth Glass (1963), para caracterizar um fenômeno típico de Londres e cidades inglesas: uma ação pontual, realizada por agentes privados, que resulta na retomada das regiões centrais pela classe média londrina e, conseqüentemente, na revalorização e modificação do perfil social de seus habitantes (GLASS, 1963). (UCHÔA, 2014. p.48)

Assim, as visões urbanísticas e arquitetônicas se mostram fundamentais para a compreensão geral do tema proposto. A bagagem teórica e prática de um arquiteto e

urbanista é perfeitamente capaz de destrinchar e analisar os fenômenos que englobam este processo de exclusão social que o futebol possui atualmente.

Isto fundamenta a escolha do tema juntamente com a noção da essencialidade que o futebol possui na construção da identidade nacional, como averiguado no decorrer deste trabalho.

1.2. Objetivos

Este trabalho de dissertação tem como objetivo principal levantar e discutir a presença, importância e marcas que o futebol deixou na sociedade brasileira e como estas questões foram importantes para panorama sociocultural do Brasil.

Tendo em mente o caráter substancial do futebol na vida do brasileiro, este trabalho teórico almeja contribuir com os estudos sobre o futebol e sua ligação nas diversas características que integram o perfil cultural do povo brasileiro em múltiplas classes sociais.

Pontualmente esta monografia será usada como embasamento teórico para o Trabalho de Conclusão de Curso II. Neste segundo momento as questões sobre qualidade e acesso à infraestrutura urbana ligada ao futebol se mostrarão mais evidentes de forma prática com um projeto de intervenção em um antigo campo de futebol informal no bairro do Poço Rico, na cidade de Juiz de Fora. Este projeto tem como ideologia básica promover um espaço integrador aos diversos públicos, independente de classe social. Este espaço democrático visa tanto manter e reorganizar o espaço comunitário que o ambiente possui, bem como servir como um sítio articulador de inserções sociais pontualmente dispostas por Juiz de Fora.

1.3. Metodologia

Para o entendimento dos aspectos gerais que envolvem o esporte bretão em nosso país, foram levados em consideração desde análises socioculturais, estudos sobre a presença política além dos pontos relacionados à relação antropológica entre o futebol e a população brasileira.

As diversas fontes teóricas trabalham assuntos que envolvem de maneiras diversas ao que se intende como tema central desta monografia. De forma sequencial foram feitas diversas etapas para a construção textual desta monografia com fidelidade acadêmica.

- Inicialmente a junção de diversos artigos, livros, trabalhos acadêmicos próximos ao cerne do tema. Destes, a absorção de dados que construísem entre si uma linha de pensamento concreta para fundamentar a produção textual.

- Pesquisa sobre o histórico do futebol em uma escala macro e micro – adentrando desde o contexto brasileiro em geral como, também, o quadro específico de Juiz de Fora.
- Desenvolvimento de um raciocínio onde os diversos aspectos presentes no conjunto do futebol sejam elencados e debatidos, tanto no ramo antropológico, político e sociocultural.
- Estudos de caso onde o tema é abordado de maneira coincidente à proposta projetual que será apresentada no Trabalho de Conclusão de Curso II.
- Por fim, há o elo que funciona como intermédio entre o estudo teórico e o trabalho de projeto em um segundo momento.

2. Aspecto histórico

Para entender de maneira adequada como o futebol e a construção dos espaços, o urbanismo e as questões sociais que giram em torno dele funcionam, é necessário estudar e analisar o fator histórico. Ferreira (2012) nos faz explicar que as origens do esporte como vemos hoje são inglesas e datam, aproximadamente, de 1863 com a fundação da “Association Football”. Esta associação regulamenta e oficializa questões que fazem o futebol ganhar uma compreensão mais formal e oficial.

A autora pontua que o início de uma atividade próxima ao entendido como gerador do futebol acontecia, de maneira primitiva, nas escolas por alunos considerados rebeldes onde, mais tarde, ganhou ares mais civilizados. Apenas com este tom organizacional as instituições de ensino desenvolveram espaços propícios para a prática da atividade, gerando estádios de futebol acadêmicos. Desta forma, minimamente, houve uma delimitação espacial para o ato de praticar o rústico esporte.

Com a separação oficial entre o futebol e o rúgbi – em seus primórdios eram atividades semelhantes em termos de execução - em 1863 e a já citada criação da “Association Football”, o esporte que estamos estudando ganha grande popularidade em terras inglesas. Nos próximos anos mudanças pontuais ocorrem de maneira a regularizar os espaços. Em 1882 foi delimitada a marcação do limite do campo com a linha branca, mudança nas regras que nos é demasiadamente importante visto que isto foi um dos pontos iniciais para divisão de classes no ambiente. Com as diversas normatizações e a popularização, a oportunidade de explorar financeiramente o desporto surgiu. Seu início nobre e presente nas classes sociais mais abastadas fizeram que o futebol alcançasse facilmente este perfil de gerador de renda. Desta forma havia a presença de torcedores mais favorecidos financeiramente nas torcidas, pagando ingressos mais caros, porém Fonseca detalha que:

Para a classe trabalhadora, que não teria como pagar ingressos caros para assistir aos jogos, fica reservado o espaço dos terraces, locais elevados posicionados atrás dos gols, que acabou conquistando muitos torcedores justamente pelo clima que se formava ali, devido à presença de torcedores de pé e, apesar da pior visibilidade, mais próximos ao campo de jogo (HOLZMEISTER, 2005). (FERREIRA, 2012, p.13).



Figura 01. Ocupação popular em um dos terraces ingleses. Disponível em:
<<http://www.lfchistory.net/articles/article/1203>>. Acesso em: 02 de mai. 2017

Contudo, a conformação física dos estádios necessitava de mudanças e reformulações para garantir maior segurança aos adeptos. Devido à grande popularização e ganho de público em todos os setores na virada do século XIX para o XX, o número de acidentes devido a pouca infraestrutura das arenas.

Desde 1902, quando uma arquibancada ruiu no estádio de Craven Cottage, Ibrox, matando 50 torcedores e ferindo outros 500, até 1985, quando uma arquibancada centenária de madeira do estádio Valley Parade, em Bradford, pegou fogo, matando 56 pessoas, contamos com nada mais do que sete tragédias que clamaram vidas de torcedores, seja por superlotação, seja por colapso de estruturas antigas. (HOLZMEISTER. p 46).

Assim, Ferreira (2012) aborda sobre diversas medidas preventivas que foram se mostrando necessárias para garantir a integridade tanto dos atletas em campo como dos torcedores nos setores do estádio, como o uso de gradeamento para dividir o espaço dos adeptos e da prática esportiva em si, ou mesmo o policiamento nos ambientes.

O estopim para as mudanças que geraram o que temos como as arenas contemporâneas é a “tragédia de Hillsborough”, ocorrido em 15 de abril de 1989, na Inglaterra. O violento incidente é citado por Ferreira em sua obra:

Num jogo lotado, onde grande parte da torcida Liverpool, sem ingressos, pressionou a polícia para que abrissem os portões das arquibancadas. Com receio de represálias por parte dos hooligans – vândalos – que eram numerosos dentro da torcida do time de Liverpool, os oficiais resolveram permitir a entrada desse excesso de contingente. Logo no início do jogo, os torcedores começaram a ser espremidos na grade de proteção que ficava ao

redor do campo, protegendo, mais uma vez, os jogadores dos frequentes ataques hooligans. Durante algum tempo as pessoas imploraram aos policiais que abrissem os portões desse alambrado, querendo aliviar a pressão a que estavam sendo sujeitos, mas quando os policiais resolveram tomar uma atitude era muito tarde. Quase cem pessoas estavam mortas, dentre elas mulheres e crianças, que haviam passado a frequentar mais os jogos após a emissão do Relatório Popplewell, em 1986, que dissertava acerca de algumas melhorias em relação à segurança e fiscalização dos estádios de futebol, incluindo precaução contra incêndios. (FERREIRA, 2012, p.18).

Isto fomentou as mais diversas mudanças em prol de maior segurança e fiscalização no futebol até os dias de hoje. Foram feitos diversos relatórios e estudos aprofundado sobre modificações na infraestrutura espacial e ocupacional dos estádios, sempre com o intuito de minimizar possíveis danos aos frequentadores. Podemos entender que estas modificações criam a necessidade de intensificar reformas de antigas arenas e estipulam parâmetros para a construção das vindouras, o que serve de linha guia para a modernização dos atuais estádios.

2.1. Histórico brasileiro

Não se tem ao certo o momento ou quem trouxe e difundiu o esporte inglês no Brasil, contudo, existem momentos específicos que podem ter significado a entrada do futebol em terras brasileiras. CORTE (2007,p. 139) apud FERREIRA (2012, p. 22) dizem que “Thomas Donohue, funcionário da fábrica de Bangu, no Rio de Janeiro, ao voltar de férias do Reino Unido, em abril de 1894, havia trazido bolas e chuteiras na sua bagagem”. Consequente, Charles Miller, em retorno da Inglaterra também trouxera consigo algumas bolas, sendo, estes dois indivíduos os pioneiros a organizar partidas e a primeira disputa de futebol dentro do Brasil. Existe também a participação de Oscar Cox, responsável por trazer as regras da “Association Football” em 1897, como citado por Holzmeister (2005).

Ainda no início do século XX, no Rio de Janeiro, o Rio Football Club, Fluminense Football Club, Football and Athletic Club, Botafogo Football Club, América Football Club e o Bangu Athletic Clube, respectivamente, surgiram no cenário carioca como clubes voltados para o esporte bretão.

Contudo, estas agremiações não possuíam espaço adequado para realizar as mais diversas atividades que a prática do futebol demandava, seja para jogos ou treinos coletivos. Como exceção temos o Bangu, que possuía um campo situado próximo à fábrica têxtil Companhia Progresso Industrial, em 1906 e o Fluminense, em 1918, com a

construção da sua sede aristocrática, no bairro das Laranjeiras, como nos é apresentado por Ferreira (2012).



Figura 02. Estádio das Laranjeiras na primeira metade do século XX. Disponível em: <<http://www.podearroz.net/o-clube/estadio-das-laranjeiras/>>. Acesso em: 02 de mai. 2017



Figura 03. Campo do Bangu no início do século XX. Disponível em: <<https://www.bangu-ac.com.br/galeria-de-imagens/>>. Acesso em: 02 de mai. 2017

Ferreira (2012) nos mostra que é de extrema importância entender que o futebol no Brasil é, em seu início, um esporte elitista – com poucas ressalvas, como o esquadrão composto por operários do Bangu - e praticado por altas classes sociais. Como será abordado mais adiante neste trabalho, somente com a formação de um time composto por atletas de diversos traços étnicos atuantes pelo Vasco da Gama que esta inserção multicultural se abriu no meio do futebol. O clube teve também a pioneira atitude de profissionalizar seus atletas, pagando a eles salários para que exercessem

sua função enquanto jogadores. Atitude esta que não foi tão bem aceita pelos adversários que não desejavam este vínculo mais profissional, criando exigências – como a obrigatoriedade de possuir uma sede social - para retirar o Vasco da Gama dos campeonatos da época. Fato que motivou o clube a construir e inaugurar em 1927 o maior estádio do Brasil – título que durou até 1940 -, São Januário, com capacidade para 50.000 mil pessoas. Este palco extrapolara o futebol e servia, também, para diversos eventos pontuais, como discursos de Getúlio Vargas ou manifestações cívicas, o que reforça a ideia do espaço do futebol como um importante representante de atos políticos.

A importância na construção do cidadão dotado dos princípios atléticos e cívicos faz com que haja um interesse no Estado de assumir a responsabilidade de construir estes espaços para atividades cívicas e políticas para grandes públicos. (CERETO, 2003, p.7).

3. Aspecto sociocultural

3.1. Motivações do enraizamento no Brasil

Interpretando Damatta (1982), é possível dizer que o futebol é a voz e representatividade do povo brasileiro, este esporte expressa grande parte do que temos como sociedade no Brasil. Entrando em Daólio, podemos perceber que:

O futebol brasileiro visto como uma prática social, também se constitui num meio pelo qual os indivíduos expressam determinados sentimentos...o fato de torcer por um time mesmo quando esse não ganha títulos durante muitos anos pode ser vivido como um teste de fidelidade. Suportar as gozações de torcedores contrários após uma derrota põe a prova a paixão pelo time, mesmos nos momentos difíceis. Vencer um jogo contra um time tecnicamente mais forte reaviva a crença em um ser superior que realiza milagres (Daólio, 1997, p. 122).

Somos capazes de entender a partir de Rinaldi que:

O futebol tem-se identificado com a cultura brasileira, principalmente no que se refere à subjetividade de suas relações, ao que acontece dentro de um campo de futebol, como as transgressões das regras estabelecidas, da ordem e da desordem, da aproximação que o futebol faz dos torcedores com a realidade festiva do prazer e do lazer, que representam momentos de paixão e de alegria. A identificação do povo com o futebol só acontece porque ele consegue apresentar essas características, a identidade. Segundo Soares (1994, p. 7), “não se constrói no desemprego ou subemprego, na desqualificação educacional, ou noutros setores, de que, bem sabemos, não podemos nos orgulhar”. A subjetividade encontrada no imaginário coletivo acerca do futebol circula de uma forma muito estreita entre a lei e a transgressão, “malandragem”, vista como uma possibilidade que se diferencia da rotina diária de grande parte da população, cria uma contradição entre o formal e não formal. (RINALDI, 2000, p.168)

Compreendemos, então, que a rigidez de relações entre indivíduos e o seu meio são contrárias ao que solidifica o futebol no imaginário brasileiro. As interações entediadas e burocráticas não encontradas no âmbito deste esporte – com ressalva para as novas arenas, tema abordado posteriormente - acentuam a leveza do convívio perante o futebol. Esta flexibilidade e o tom informal presente nos ambientes criam e estimulam a fixação do futebol como algo atrativo para as massas, especialmente a brasileira.

Recorrendo novamente a DAMATTA (1982,p.145), o futebol carrega diversos “componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares.” Compreende-se que o que ocorre dentro do campo e dos demais ambientes atrelados ao mundo da bola, é um quase como o

reflexo sociocultural do grupo que o cerca. Visto isso, temos como lógica o futebol como interpretação cultural de um povo. Como já destacado, e reforçado por Damatta (1982), a dita “malandragem” e alegria que são vinculados à noção de brasilidade, se encontram dentro das quatro linhas e nos estádios. Esta capacidade brasileira de se desdobrar e improvisar em seu dia a dia é encontrada também em seu estilo de jogo de futebol, e esta é tida como uma das características mais encantadoras no saber-fazer do futebol brasileiro.

A concepção do povo como alguém centralizado e reconhecido também agrega aos motivos da popularização do esporte. Damatta (1982, p.146) comenta que, dentro da paisagem urbana, alguns dos palcos mais notórios “são as arenas, os estádios, os autódromos, as quadras, os ginásios e piscinas, destinados aos ‘jogos’ e aos esportes.” A população se envolvendo com o futebol, adentra, então, em um espaço que atrai os olhares coletivos. Não somente pelo fato da monumentalidade do ambiente em si, mas, também, das especificidades que estes portam. Uniformes, adornos ou bandeiras transformam os indivíduos em especiais e os retira da visão opaca para coloca-los em posição de destaque fora de um senso comum.

Em um panorama histórico, o fator do corpo, como Damatta (1982) disserta, pode ser visto como um item relacionado à popularização do tema no Brasil. Primordialmente, os trabalhadores da classe trabalhadora brasileira se apropriaram do esporte trazido pela alta sociedade ligada às comunidades inglesas no Brasil. Estes trabalhadores que, até então, possuíam somente a noção do esforço físico ligado ao trabalho e a afazeres mecanizados, viram no esporte uma atividade agradável. Tendo em mente que estes proletários já dispunham de condicionamento físico devido suas atividades braçais, o futebol não lhes era uma prática custosa fisicamente. A descoberta de um exercício físico que desvinculava o trabalho físico como uma atividade desgostosa para algo que possibilitaria entretenimento era, relativamente, desconhecida no entendimento popular das baixas classes sociais.

Damatta destaca ainda que o fator coletividade pode ter ligação com a popularização do futebol, como no trecho a seguir:

Talvez porque o futebol seja jogado em equipe, o que permite retomar no nível simbólico a idéia de uma coletividade exclusiva, como a de uma casa ou família. Coletividade com a qual se tem relações insubstituíveis de simpatia, “sangue” (ou “raça”) e amor.

Nada, a meu ver, fala melhor desta densa relação do que ‘O hino de um dos clubes mais populares do Brasil, o Clube de Regatas do Flamengo — chamado carinhosamente de Mengo /pelo povo. Pois neste canto de glória e cidadania, a música afirma: “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo/ Flamengo sempre eu hei de ser/ É meu maior prazer, vê-lo brilhar/ Seja na terra, seja no mar/ Vencer! Vencer! Vencer!/ Uma vez Flamengo, Flamengo, até morrer!” Nesses versos temos a expressão cabal dos laços complexos que nos enredam ao nosso time

de futebol, como se diz no Brasil. Eles que recriam num nível moderno da escolha individual a idéia de coletividade imperativa e coercitiva. Aquela comunidade que, diferentemente da casa e da família, nos engloba voluntariamente, por escolha e decisão, esses elementos básicos do credo individualista e da vida; social igualitária. (DAMATTA, 1982,p.145)

Assim, é evidente como o senso de grupo e união são características marcantes para a construção do interesse coletivo brasileiro no futebol. A familiaridade e o senso de entusiasmo ativo nas, mas massas fazem que este esporte transborde do parâmetro físico e adentre na subjetividade da paixão.

3.2. Política no futebol

Abordando novamente Damatta (1982), o autor pontua a descrença popular nas mais diversas instituições públicas. O entendimento de representatividade do povo no poder público é quase nulo, visto os diversos casos de corrupção, baixa ascensão social das camadas mais pobres e falta de afinco e vontade política nas tentativas de melhorias para a classe trabalhadora. Contudo, no futebol há, de certa forma, a notabilidade da força política independente da posição social que o indivíduo pertence.

A sensação de poder nas mãos de quem sempre se via relegado politicamente fascina o amante do esporte bretão e desenvolve nele o raciocínio de equidade frente a todas as injustiças que a eles são dispostas, como podemos ver na abordagem direta de Damatta sobre este item:

Finalmente, o Futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer. Que a aliança entre talento e desempenho pode conduzir à vitória incontestada. Et melhor que tudo, que as regras valem para todos. Para os times campeões e para os times comuns, para ricos e pobres, para negros e brancos, para homens e mulheres, para jovens e idosos, nacionais e estrangeiros e, no nosso caso, para os vivos e os mortos. Neste sentido profundo, portanto, o futebol nos dá uma potente lição de democracia, pois conforme sabemos, vendo nosso time jogar, as leis têm que ser obedecidas por todos, são universais, são transparentes e há um juiz que as representa no calor da disputa. No futebol, portanto, não há golpes. Tal afirmação das regras do jogo conduz a uma alternância entre vitoriosos e perdedores que, projetada na vida social, é a base da mais autêntica experiência democrática. Se, então, o cotidiano nos impinge poderosos que jamais trocam de lugar, o futebol nos apresenta um espetáculo no qual vencedores e perdedores se alternam sistematicamente. Aprende-se, pois, que a alternância na glória é a glória da alternância — base da igualdade e da justiça modernas. (DAMATTA, 1982,p.164)

Pontualmente temos casos diretos desta representatividade política em grande escala no Brasil. Na década de 1980 o movimento de Diretas Já!¹ ganhava força publicamente. Koch (2012) relata sobre um dos movimentos políticos ligados ao futebol mais importantes da história do país, a Democracia Corinthiana. Em 1981, durante o período em que o Brasil tentava se reorganizar devido o severo regime ditatorial militar que enfrentou, o Corinthians – um dos clubes de maior alcance popular do país – estabeleceu uma postura pró-democracia em suas decisões internas. Desde dirigentes, jogadores e funcionários de cargos gerais dentro do clube possuíam voz ativa e relevância em decisões corriqueiras, como horários de viagem e treinamentos, ou mesmo mais importantes, como contratações de jogadores e mudanças na comissão técnica.



Figura 04. Manifestação favorável à democracia dentro de campo por parte do time do Corinthians. Na faixa os dizeres: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121106_democracia_rp.shtml>. Acesso em: 13 de mai. 2017

Vale destacar que este manifesto político não era exclusividade do time de São Paulo, no Rio de Janeiro, em 1984. Mais propriamente ligado à torcida, as manifestações políticas adentravam o Maracanã e faziam com que a torcida do Flamengo – outro time de forte apelo popular – também gritasse pelas eleições diretas. Em seu texto, Sartori detalha:

Sinédoque carioca, o Maracanã pré-Copa expunha as vísceras da cidade desigual. Mas era, de modo contraditório, o estádio possível — porque acessível. Ali, com geraldinos, arquibaldos e detentores de cadeiras

¹ Movimento político civil que almejava o fim do processo de eleições indiretas. Lutava publicamente pelo direito populacional de votar e escolher seus líderes políticos.

numeradas, estavam representados todos os estratos sociais do Rio e os conflitos que lhes são intrínsecos. Tratava-se, enfim, de uma experiência democrática.

E ambiente democrático, com forte apelo popular, era muitíssimo bem-vindo na campanha pelas Diretas Já, que lutava pela redemocratização política do Brasil e pedia eleições diretas para presidente depois de duas décadas de uma ditadura militar que deixou como trágica herança o cerceamento das liberdades políticas com o golpe de 1964. [...]

[...] Era a turma da Fla Diretas, primeira torcida a surgir em prol da redemocratização no período final da ditadura militar. A aparição dessa mistura irremediável de política e futebol deu as caras três meses antes da votação da Emenda Dante de Oliveira no Congresso, em abril daquele ano. Os deputados iriam decidir se o povo poderia escolher nas urnas o Presidente da República. (SARTORI, 2017)



Figura 05. Presença política da torcida do Flamengo. Disponível em: <<https://medium.com/puntero-izquierdo/democracia-rubro-negra-quando-a-torcida-do-flamengo-gritou-diretas-j%C3%A1-9c4c94cf64cd>>.

Acesso em: 13 de mai. 2017

Mais recentemente a torcida do Corinthians se posicionou politicamente favorável aos atos estudantis e às ocupações das escolas no estado de São Paulo em protesto contra as mudanças não democráticas propostas pelo governo paulista em 2015, como salientado por Cordeiro (2015). Nogueira (2016) sublinha sobre os adeptos corinthianos que protestaram publicamente dentro e fora dos estádios contra os casos de corrupção e desvio de verba que estavam atrelados ao governo estadual de São Paulo em 2016.



Figura 06. Faixas de protesto da torcida corintiana. Disponível em:

<<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-beleza-do-protesto-da-torcida-do-corinthians-por-paulo-nogueira/>>. Acesso em: 13 de mai. 2017

Casos como esses, somados ao já citado sentimento de força política por parte da população, só reforçam o que Damatta diz como o nacionalismo político ocorre no Brasil:

Foi, portanto, com o futebol que conseguimos no Brasil somar o Estado nacional e a sociedade. E assim fazendo, sentir pela avassaladora e formidável experiência de vitória em cinco Copas do Mundo a confiança na nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno e que podia finalmente cantar com orgulho o seu hino e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional. (DAMATTA, 1982,p.166)

3.3. O negro

Como Gordon Jr. (1995) diz, hoje não há dificuldade em entender que o esporte possui a capacidade de fato social, ou seja, adentrar na cultura e cotidiano de um povo e servir como representação de seus hábitos. Com o futebol isso não se difere, este tema apresenta em sua história diversas questões refletidas da sociedade em diferentes épocas e contextos. Neste ponto de vista, vamos adentrar em três objetos distintos, mas que são representativos em suas esferas. O negro, a mulher e o homossexual serão abordados, respectivamente, ao longo deste trecho em específico.

A trajetória do negro na sociedade brasileira em geral nunca foi algo simples. Gordon Jr. (1995, p.73) acentua que “o esporte nacional por excelência serviu, em alguma medida, como instrumento democratizador das relações entre raças no Brasil.” Contudo, o autor destaca que no decorrer do tempo isto não foi algo totalmente uniforme. Para ele o futebol apresentou momentos integradores, celebrando atributos supostamente negros, e momentos diferenciadores, carregados de preconceitos e ideologias ultrapassadas sobre algum tipo de inferioridade negra. Estes destaques sobre os pontos integradores e diferenciadores ganhavam força de acordo com os sucessos ou insucessos brasileiros no esporte. Conforme as vitórias ocorriam, a aceitação popular dos negros por parte do público branco aumentava, em contrapartida as derrotas serviam para acentuar os diversos tipos de preconceitos e estereótipos.

É compreensível e fundamental dizer que o futebol não é o responsável pelo fim do racismo no país, visto que isto ainda está muito distante efetivamente e que ainda hoje a luta pela igualdade entre negros e brancos é uma questão socialmente fundamental, como comenta Gordon Jr.:

A constatação dessa lenta mudança, no entanto, não pode ser confundida com a ideia de plena “democracia racial” ou com a ilusão de que por intermédio do futebol pusemos fim ao racismo. O livro de Mario Filho nos apresenta fatos que constituem um processo de democratização das relações raciais dentro da sociedade brasileira, no qual o futebol exerceu um papel de grande importância. Mas um processo que, não custa repetir, está longe de seu término. (GORDON JR., 1995, p. 74)

É muito importante refletir sobre as motivações da aceitação inicial - já comentada anteriormente - sobre a presença do negro no futebol. Este árduo processo de integração negra pautado nas ditas “qualidades” negras (ginga, malícia, etc.) não trabalham de maneira contrária ao racismo em si, muito pelo contrário. Estes adjetivos são metodicamente traçados por outros preconceitos e rótulos de conotação extremamente racista.

Dado o histórico de séculos de escravismo – e os diversos pensamentos retrógrados derivados disto - em nossa sociedade, é evidente que o negro não foi bem aceito no futebol, um esporte inicialmente elitista e dominado por brancos e ricos. O sentimento inicial era que o jogador branco possuía superioridade vantajosa sobre qualquer atleta negro. Os resultados positivos de times formados majoritariamente por brancos sobre times integrados por negros na década de 1910 no Rio de Janeiro reforçava a série de julgamentos raciais. Contudo, é claro que “isso se devia antes às boas condições de vida e a melhor infraestrutura desses times do que a qualquer característica de cor ou raça.” (GORDON JR. 1995, p. 81).

Com o passar do tempo estas barreiras foram sendo diluídas e a aceitação do atleta negro dentro do esporte foi ganhando mais naturalidade, onde, este processo de aceitação ocorreu com mais agilidade pelos torcedores do que pelos clubes, visto que para o adepto – além de ser constituído em boa parte por negros ou descendentes – o mais importante era a qualidade do jogador.

Gordon Jr. (1995) levanta a figura de um jogador em específico importante para a corrida contra a segregação racial no futebol, o jogador, filho de um alemão com uma negra, que se tornou o maior expoente do esporte no Brasil da primeira metade do século XX, Arthur Friedenreich.

Através dele, uma grande parcela dos torcedores, e do povo em geral, começou a perceber que o futebol não precisava ser de uma cor só, nem só da elite. Podemos imaginar que a importância de Friedenreich se deve ao fato de que ele marca, talvez, o ponto chave na identificação do futebol com o ethos² nacional. Com ele, o futebol e a cultura como um todo começaram a se enlaçar de forma quase inextricável em torno da ideia de mistura, de um país mestiço, formado pela conjunção de múltiplas raças. Talvez, a grande popularidade do futebol decorra disto: ele expressa em si a própria peculiaridade do Ser brasileiro – a ideia de mestiçagem. É possível que, através de Friedenreich esta relação tenha sido pela primeira vez percebida ou sentida no inconsciente brasileiro. (GORDON JR., 1995, p. 86)

Em 1923, como Gordon Jr (1995) nos apresenta, com o Vasco da Gama sagrando-se campeão regional com um time composto por um grande número de negros no elenco e a posterior profissionalização do esporte no Rio de Janeiro, a democratização se tornou iminente. O negro profissionalizado possuía remuneração, tempo para treino e melhoria de suas habilidades, logo, disparidade entre os brancos com acesso a recursos e os negros, diminuiu consideravelmente. “O futebol não era mais dos ingleses. Era brasileiro, cheio de traços negros, mulatos, enfim, misturados.” (GORDON JR., 1995, p. 87)

3.4. A mulher

A representatividade feminina dentro do futebol foi algo tardio e ainda hoje pouco valorizada. Goellner (2005) nos faz entender que, mesmo com as mulheres praticando o esporte desde o início do século XX – com uma participação muito menor, contando com decretos oficiais orientando a não inclusão da mulher no esporte -, somente na em 1979 foi “revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres.” (GOELLNER, 2005, P. 147)

² ETHOS: [Antropologia] Característica comum a um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2017)

A inserção feminina se deu logo nos anos de 1980, o surgimento de vários times femininos e a criação de campeonatos próprios para as mulheres eclodiram quase que instantaneamente, dando, minimamente, a oportunidade das esportistas vivenciarem o desporto. A apropriação feminina, no entanto, é vista como uma atividade transgressora, pois estavam alocadas em um universo que até então era quase que exclusivo de homens, segundo Goellner (2005).

Contudo, a participação da mulher no futebol é marcada por objetificações e erotizações que as dificultam de exercer sua presença no esporte. Goellner (2005) aborda este tema afirmando que o machismo está presente diretamente na presença feminina, como destacado a seguir:

Se para as mulheres do início do século XX a beleza era vista como sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas, a partir dos anos 70, a esse discurso se incorporará outro: o da erotização de seus corpos. Assim, estádios, ginásios, academias, parques e praças são identificados como locais sociais a espetacularizar os corpos das mulheres ressaltando alguns atributos designados como característicos de seu sexo: a graciosidade, a beleza e, sobretudo, a sensualidade. Objeto do olhar de outrem, o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável. (GOELLNER, 2005, P. 147)

Um grande exemplo prático do que a autora aborda é o ocorrido em 2001 na reedição do campeonato feminino “Paulistana”, onde a Federação Paulista de Futebol estipula que, para entrarem no campeonato, as atletas:

precisavam cumprir algumas condições estéticas, pois os dirigentes da FPF prometiam literalmente um campeonato bom e bonito, que unisse o “futebol à feminilidade”. Assim, por exemplo, atletas de cabelos raspados foram barradas - a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré-condições, as atletas não poderiam ter mais de 23 anos para jogarem, provavelmente pelo fato das imagens das mais novas serem mais facilmente erotizáveis na mídia em geral (KNIJNIK & VASCONCELLOS, 2003, p.5).

Este tipo de comportamento sexista envolvendo a mulher não é exclusividade do futebol. Socialmente isto se apresenta desde maneiras explícitas como em pequenos aspectos velados e pouco explorados na cultura brasileira. Goellner no explica isto de forma direta:

Não há dúvidas de que essa espetacularização não se localiza apenas nos espaços onde acontece a prática esportiva. Ela pode ser observada em outros locais sociais e, ainda, em diferentes instâncias culturais tais como revistas, propagandas, “outdoors”, programas televisivos, cartazes, filmes, etc. Nesses e em outros lugares é possível identificar um processo educativo a produzir a espetacularização tanto de quem vê, quanto de quem é ou sente-se o próprio espetáculo, seja pela exibição de performances cada vez mais aprimoradas e pela construção de corpos comumente identificados como perfeitos, seja pela associação da sua prática com a aquisição de saúde e de beleza e a relação desta com a erotização dos corpos. (GOELLNER, 2005, P. 147)

Entende-se, assim, que a presença da mulher no âmago do futebol é marcada por preconceitos diversos, mas seu espaço é conquistado gradativamente. Goellner (2005) comenta que, no entanto, devemos analisar esta representatividade com cautela. De fato o número de mulheres praticantes e torcedoras cresceu nos últimos anos, contudo a situação das atletas de alto nível ainda é precária. O realce midiático também é comumente mal explorado. É comum a evidência da imagem e comportamento das atletas, árbitras ou treinadoras em detrimento de suas habilidades e recursos técnicos. Como a autora aponta, é preciso, portanto, agregar sociabilidade e lutar pelas liberdades femininas, sobretudo no futebol brasileiro que possui um fator de identidade nacional tão forte.

3.5. O homossexual

A homossexualidade no futebol é alvo direto de preconceito não só no Brasil como em qualquer outro país, é preciso ampliar os olhares para não confundir as manifestações homofóbicas como exclusividade brasileira. França (2017) salienta sobre a discriminação também em território europeu:

Na Europa, casos como o dos torcedores do Zenit incluem o velho continente nesse trágico mapa. Em 2012, um manifesto pedia ao clube para não contratar mais jogadores negros nem homossexuais, já que estes “não faziam parte da identidade e da tradição do clube”. Porém, o caso recente mais grave dá conta do ataque por parte de um grupo de neonazistas a Showan Ebadi, um torcedor do Malmö, da Suécia, conhecido por seu ativismo gay no futebol, que terminou espancado, esfaqueado e internado em estado grave. (FRANÇA, 2017)

Ainda na Europa, FRANÇA (2017) sublinha o caso da Alemanha, país sede da rede europeia de clubes LGBT, e a preocupação com disseminação de termos e insultos homofóbicos no esporte. A criação de cartilhas educativas e campanhas que são distribuídas para membros dos times, dirigentes e treinadores é uma atitude em busca do apoio à comunidade gay presente no futebol. Mesmo em meio a diversas polêmicas e dificuldade na difusão da aceitação homossexual, alguns passos já foram dados no país. O St. Pauli, tradicional clube alemão, desenvolve diversas manifestações de combate ao preconceito sexual, bem como foi o pioneiro no futebol mundial ao eleger o primeiro presidente assumido homossexual. Tem-se notícia, também, do apoio dos mundialmente conhecidos, Chelsea e Arsenal à criação e manutenção de torcidas organizadas LGBTs.

França (2017) realça ainda que no Brasil existem algumas torcidas organizadas que lutam pela causa gay. Na década de 1970, a gremista Coligay era a precursora da busca pelo espaço democrático nos estádios, fato que impulsionou a eclosão de outras organizadas como a Flagay, Flugay e Raposões Independentes, do Falmengo, Fluminense e Cruzeiro, respectivamente. Recentemente a Gaivotas Fiéis, do Corinthians ganhou mídia, porém, seu idealizador teve de se retirar da posição de destaque devido a diversas ameaças.

A Copa do Mundo de 2014 deixou um amargo legado em nossos estádios. Um comum insulto por parte da torcida mexicana ao goleiro adversário durante os as partidas foi incorporado e adaptado para um xingamento homofóbico. França (2017) deixa claro que este insulto se tornou recorrente em partidas nos mais diversos estádios brasileiros. Entretanto, o autor nos faz repensar em como o futebol historicamente funciona como um agregador humano e tem a capacidade de fomentar atitudes que vão contra o preconceito e buscam o papel e o espaço democrático de seus adeptos:

Assim, complexa, difícil e incompreensível é a homofobia no futebol. Que ganhou forma criativa após a Copa do Mundo no Brasil, mas que já se manifestava antes no futebol e no espectro maior da sociedade brasileira. Mas se o futebol já se provou tantas outras vezes capaz de dar exemplos positivos, por que não acreditar que é possível dar esse exemplo também? Se o futebol é capaz de se aproveitar da sua simplicidade para reunir pessoas de diferentes idades, raças, nacionalidades, sexos e gêneros em torno do objetivo único em comum de colocar a bola entre duas traves mais vezes do que o adversário, por que não acreditar que seria possível reunir pessoas em torno desse objetivo também? (FRANÇA, 2017)

4. Apropriação espacial

4.1. Entendimento dos espaços coletivos e informais

É possível interpretar que um dos símbolos do futebol no Brasil é sua capacidade de se simplificar, se adaptar em áreas adversas e movimentar-se de maneira coletiva. Desde os campos de várzea que movimentam comunidades inteiras até ao simples jogo de rua, com sua estrutura completamente improvisada, o futebol carrega em si esta possibilidade de se mostrar nas mais diversas frentes comunitárias e sociais. Os pés descalços no asfalto ou as chuteiras nos campos de terra batida são identidades que este esporte traz consigo no Brasil. Beverari (2009) discute sobre o fator histórico que leva o futebol às áreas varzeanas. Em São Paulo – SP, por exemplo, os processos de urbanização juntamente com a especulação imobiliária nas regiões centrais da cidade nas décadas de 1920 e 1930 acarretam no remanejamento populacional para zonas afastadas. Contudo Beverari afirma que o futebol de várzea se mantém como ato de resistência a este procedimento elitista e de exclusão social.

Beverari (2009) continua ao dissertar sobre valor imaterial de coletividade social que a várzea propõe. É entendido que, historicamente, diversas festas e comemorações movimentavam as comunidades inseridas no contexto destes campos, servindo, assim, como grandes espaços públicos comunitários urbanísticos. Entretanto, os fatores econômicos como a especulação imobiliária são capazes de enfraquecer e diminuir a presença destes redutos de firmamento social. Estas ações agressivas geram outros tipos de espaços vinculados ao mundo da bola, como o futebol de salão e society, porém estes não ostentam a mesma lógica social que a várzea, visto que são quadras privadas – o que por si só já funciona como uma barreira excludente - e a relação mais simplória entre os jogadores, tendo em mente que não há o elo grupal como Beverari destaca a seguir:

O relacionamento existente entre os membros da várzea extrapola as linhas que delimitam o campo e se mistura, muitas vezes, com o cotidiano destas pessoas. A formação de um time está relacionada com os laços de amizade ou com a proximidade regional de seus participantes, o que resulta em um forte vínculo encontrado entre os membros da várzea. (BEVERARI, 2009, p. 09)

O futebol informal vem constantemente atrelado a outros espaços de socialização comunitária. É extremamente comum a eclosão de bares próximos aos

campos. Nestes estabelecimentos o diálogo e interação dos atletas com os demais membros das comunidades criam um pouco da mítica e instituem as grandes histórias e conhecimentos populares sobre o jogo. Beverari (2009) alerta sobre a crucial dimensão que estes ambientes significam para a prática informal do futebol:

O samba, a cerveja e a conversa são fatores que estão relacionados com a prática das pessoas que freqüentam os bares nas beiras do campo, pois é diante de toda essa informalidade que acontece boa parte dos relacionamentos que lá se estabelecem. A presença de vários times no bar aponta para o desaparecimento de campos de futebol, pois no passado cada time geralmente possuía um campo próprio, o que foi desaparecendo devido a forte especulação imobiliária e algumas ocupações de terra para moradia. Essa circulação de mais de um time pelo bar propicia debates em que muitas vezes são traçados alianças entre times 27 que se encontraram no bar, onde uma conversa regada com o clima de festividade do samba e cerveja pode gerar convites para disputas de amistosos, festivais ou campeonatos entre equipes até então distantes. (BEVERARI, 2009, p. 26)

O bar também pode servir quase como um museu histórico e sala de exposição dos troféus do time da comunidade. “Os troféus das conquistas e as fotos do time posado, de modo a sustentar a força de uma equipe preparada para vencer dentro de campo.” (Beverari, 2009, p. 27)

A coletividade relacionada à imagem do bar extrapola a simples socialização entre os indivíduos, a noção de representatividade democrática também ocorre nestes espaços. Como Beverari (2009) aponta, decisões e assuntos vinculados ao time ocorrem de maneira aberta e transparente entre a comunidade, jogadores e demais interessados. Esta informalidade traz para a visão coletiva a noção de política e presença de uma experiência democraticamente aberta.



Figura 07. Futebol de várzea como ato de resistência e coletividade. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/la-dolce-varzea/>>. Acesso em: 25 de mai. 2017

4.2. Grandes arenas

Tomando rumos contrários ao entendimento da ampla democracia e capacidade de acesso visto anteriormente nos espaços comunitários, temos o conceito das novas arenas esportivas e o “Padrão FIFA” que é visto nestes novos estádios, especialmente após a Copa do Mundo de 2014.

Como Santos (2014) destaca, a noção da heterogeneidade humana e social é algo que se via estampado no interior dos ambientes esportivos. Esta visão é tão forte que mesmo na literatura e demais meios de arte e jornalismo a multiplicidade cultural possuía representatividade. Nelson Rodrigues salientava a presença dos, segundo ele, “geraldinos”. Estes são a imagem transbordada do público de massa, vindos da periferia e de classe trabalhadora. São os torcedores mais pobres que normalmente se posicionavam nos setores das Gerais – conhecidos por possuir preços mais acessíveis. O escritor brasileiro também acenava para os “arquibaldos”, os adeptos que frequentavam as Arquibancadas - zonas de preços mais elevados - e que tinham comportamento característico da classe média. A partir disso é inteligível que havia uma considerável variedade de públicos nos estádios de modo geral.

Contudo, com o passar do tempo, houve a necessidade de modernizar os ambientes destinados aos grandes públicos esportivos. O debate referente à segurança, superlotação e violência nos estádios foi se tornando inevitável mundialmente perante acontecimentos historicamente conhecidos como os que envolviam os hooligans na Inglaterra, como destacado por Santos (2014).

O conceito moderno de arena, então, surge a partir das reformulações e adequações vistas como necessárias para a melhor e mais segura apreciação do espetáculo – não se mostrando algo voltado apenas para o futebol, adentrando uma maior diversidade de espetáculos.

Estas arenas buscam a flexibilidade de sua estrutura, a fim de poderem receber não apenas jogos, mas também shows, comícios, feiras e outros eventos. Seu espaço interno é projetado de forma a permitir a implantação de pontos comerciais, como lojas dos clubes, restaurantes, bares, salas para convenções e até para festas. Os locais para a divulgação dos patrocinadores são planejados para promover a maior visibilidade possível. Tais mudanças, além de alterar a experiência de frequentar a arena, melhoram a imagem do empreendimento diante dos usuários, de modo que não é raro grandes empresas associarem seu nome ao ativo através da compra dos naming rights. (COSTA et al, 2013, p. 1).

Esta visão do ambiente esportivo se alinha com o que temos entendido como o “Padrão FIFA”. “Em suma, o tal Padrão FIFA, na realidade, é o padrão norte-americano de praças desportivas, adaptadas para o futebol, com algumas exigências típicas da entidade superior do futebol mundial” (SANTOS, 2014, p. 53)

Nesse caso se somam às exigências o conceito de all-seated, que exige a colocação de cadeiras em toda a extensão da Arena, um número mínimo de vagas no estacionamento, a construção de setores VIPs e voltados para eventos corporativos, telões, espaços de comercialização múltiplos etc. Há a exigência também de que o poder público do país que recebe a Copa do Mundo viabilize a gestão privada desses equipamentos. O futebol, como se vê, é elemento secundário dessa nova realidade. Afinal, aquele interessado em comprar um ingresso para um jogo de futebol também seria alvo de uma ampla estratégia de marketing. Essa previa que para que esse fosse um típico frequentador de Arenas precisava entendê-la como um espaço de consumo que durasse mais do que o próprio jogo. Seria lá que ele visitaria o museu ou as lojas do Shopping Center anexo ao estádio, compraria objetos relacionados ao clube (ou mesmo produtos nada ligados ao futebol), visitaria um cinema, almoçaria num restaurante de luxo e pagaria altos valores pelos lanches oferecidos pelas cadeias de fast-food multinacionais que agora alugavam esses espaços comerciais. Logicamente é aqui que está o ponto central da mudança do público do estádio. A presença do “povão”, ou mesmo de setores menos privilegiados da classe média, já não é mais interessante a partir do momento que estes não significam um público financeiramente capaz de gastar mais dinheiro das suas economias familiares em tantos outros produtos que são oferecidos dentro do estádio. (SANTOS, 2014, p. 53)

A questão primordial aqui não é a simples modernização dos estádios, isto é logicamente necessário, mas a exclusão que as novas arenas provocam como será posteriormente abordado em números. Podemos entender que o grande erro é leitura e copia integral de um modelo estrangeiro, sem a sensibilidade de adaptar estas

mudanças de maneira inclusiva e não traumática em território nacional. A busca por um estrangeirismo sem levar em consideração as características locais é visível quando o perfil do “torcedor” é suprimido visto sua característica agitada e pouco consumidora, como referido por Santos (2014).

O caso do Maracanã – único estádio brasileiro tombado pelo Iphan³ - é icônico para este processo de exclusão humana. Como Daflon (2017) relata, “O Maracanã era a casa coletiva dos cariocas e dos brasileiros apaixonados por futebol. O mítico templo do esporte bretão nunca intimidou o torcedor; ao contrário, era ali que ele se sentia à vontade.” A onda das novas arenas causou a metamorfose sofrida pelo grande templo do futebol brasileiro trouxe consigo o fim da geral. Os tão destacados “geraldinos” perdem sua morada no Maracanã com as reformas para a Copa do Mundo de 2014.

Cabe aqui dizer que o processo de elitização dos estádios já corre há pelo menos 15 anos, desde a fundação da primeira, e até então, única Arena, a da Baixada. Seu surgimento, no entanto, não foi capaz de impulsionar por si só o movimento que falaremos mais adiante, de “arenização” do futebol brasileiro, que depende, mais do que qualquer coisa, de uma grande política pública lhe dando subsídios. Isso virá no contexto da Copa do Mundo FIFA 2014, quando através de investimentos do Governo Federal, dos Governos Estaduais e do Banco Nacional de Desenvolvimento, esses recursos finalmente possibilitarão o desenvolvimento dessas Arenas. (SANTOS, 2014, p. 58)



Figura 08. Zico, jogador do Flamengo, o clube mais popular do Brasil, comemorando em frente a Geral. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/deportes/1490987496_705482.html>. Acesso em: 25 de mai. 2017

É possível concluirmos, então, que o dito Padrão FIFA que generaliza e normatiza em excesso os estádios de futebol, vai contra a chamada “topophilia”. Termo

³ Iphan: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

este que CORTE (2007, p.86) apud FERREIRA (2012, P.14) definem como “uma questão real de identidade e que só se repete quando presente neste determinado local com determinadas pessoas e atitudes conjuntas, representando algo maior.” Ferreira vai além e adentra ainda mais na questão imaterial do termo:

Algo como um sentimento de afeição, apego, a um determinado ambiente físico que, no caso dos estádios de futebol, poderia ser devido à resposta que eles dão a uma parcela da população, ou ao próprio sentimento de posse, de pertencimento, que o estádio dá aos torcedores de um time. (HOLZMEISTER, 2005). (FERREIRA, 2012, p. 14).

5. Gentrificação dos espaços

5.1. Caráter mercantil

É perceptível o caráter de mutação do futebol ao longo dos tempos. Este se adapta aos diversos fatores e condicionantes sociais que conduzem os rumos das mais diversas características presentes em uma sociedade. Esta sensibilidade ao compreender o fator não inerte do futebol é destacada por Almeida.

As mudanças sociais, culturais, políticas e económicas que marcaram as sociedades contemporâneas das últimas décadas têm tido um impacto significativo no futebol. Um pouco por todo o mundo, os grandes clubes têm vindo a sofrer profundas mutações. A crescente internacionalização e comercialização da modalidade transformou os clubes com maior projeção em corporações transnacionais, processo para o qual contribuíram, entre outros agentes, as grandes companhias multinacionais. (ALMEIDA, 2015. p. 7)

A relação entre futebol e mercantilização é, atualmente, muito tênue. A busca desenfreada pelo lucro e capacitação monetária é uma condicionante ainda mais relevante na contemporaneidade posteriormente às políticas económicas de mercado livre e neoliberais e como aconteceria esta relação entre futebol – algo motivado pela paixão e de caráter sentimental para os torcedores – e o dinheiro – que carrega o fator lógico e analiticamente frio. (ALMEIDA, 2015)

É possível compreender que, até certo ponto, este relacionamento desajustado entre torcedores e a preocupação monetária por parte dos clubes e instituições vinculadas ao futebol agrega um tom quase irônico. A causa da popularidade do esporte nos grandes meios midiáticos e, por consequência, sua extrema popularização – o que faz o futebol movimentar grandiosas quantias de dinheiro com os mais diversos tipos de ações – vem da sua origem mais humilde, com seus admiradores. É discutível como os populares fãs do esporte, os mesmo que o popularizaram e deram a ele o poder visto atualmente, são relegados a uma posição extremamente subordinada e quase incapaz em uma visão estrutural de poder. (ALMEIDA, 2015)

Os adeptos, por seu turno, viram-se progressivamente relegados para o fundo de uma estrutura de poder, embora, ironicamente, sejam eles os responsáveis pela centralidade que o futebol ocupa na representação das culturas populares. Sendo o futebol um palco privilegiado de afirmação de identidades locais, regionais e nacionais, facilmente se depreende que uma parte significativa dos adeptos se posiciona veementemente contra o emburguesamento e a comercialização da modalidade. (ALMEIDA, 2015, p. 8)

Almeida (2015) define a popularização do neoliberalismo e seu incentivo a pouca interferência do estado na economia como uma dos fatores a esta lógica capitalista onde as corporações ganham notoriedade para ditar a força que o fator do capital ganha em nossa sociedade. Tendo em mente a capacidade de o futebol absorver amplamente os traços sociais, este impacto neoliberal é visto de maneira vasta no esporte. Assim, temos a comercialização desenfreada do desporto, representando uma parcela considerável nos meios de geração de dinheiro. Ainda trabalhando sobre Almeida (2015), temos o destaque da tendência internacional da criação dos clubes empresas, o que deixa ainda mais evidente como o futebol atualmente é previsto como um meio de obtenção de lucro e não somente um ato ligado ao fator imaterial da paixão.

É destacável a má gestão e distribuição de dinheiro por meio das grandes instituições futebolísticas. Recentemente a Federação Internacional de Futebol Associação - FIFA (Fédération Internationale de Football Association) foi alvo de diversos escândalos de corrupção envolvendo diversos membros da entidade, incluindo seu presidente Joseph Blatter. Como destacado por Reevell (2015), a principal associação do futebol mundial sofreu denúncias sobre estar envolvida com diversos crimes desde 1991. Fraude, subornos e lavagem de dinheiro são as principais causas das investigações feitas pelo FBI. A escolha das nações que sediariam as copas de 2018 e 2022 seriam as grandes motivações para o início dos diversos inquéritos. Outro destaque sobre desvirtuação financeira é o caso da relação entre FIFA e a empresa Coca-Cola, como destaca Almeida.

O exemplo da Coca-Cola é ilustrativo. Nos últimos trinta anos a FIFA e a Coca-Cola têm estabelecido diversos negócios. A referida marca foi responsável pelo patrocínio de um programa da FIFA que visava formar treinadores nos países do hemisfério sul. Em troca, a FIFA apoiou a "entrada" da Coca-Cola em vários "mercados", tais como África, Europa de Leste, Médio Oriente e China (Samuels, 2008: 128). Desta forma, a FIFA, ao convidar um vasto conjunto de pessoas com experiência em negócios, merchandizing e marketing para fazer parte dos cargos executivos e dos diversos comités, conseguiu implementar o seu poder na governação do futebol, gerando, ao mesmo tempo, elevadíssimas quantias de dinheiro, provenientes essencialmente dos patrocinadores e dos direitos televisivos (Bazel, 2011). (ALMEIDA, 2015, p. 9)



Figura 09. Protesto contra a FIFA e os envolvimento com corrupção. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-3168619/Sepp-Blatter-showered-fake-money-FIFA-press-conference-befitting-embarrassment-farcical-tenure.html>>. Acesso em: 01 de jun. 2017.

Dentro do panorama brasileiro os diversos escândalos financeiros também são presentes. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) está envolvida com denúncias e investigações de faturamento ilegal. Cifuentes (2015) comenta sobre o ex-presidente da CBF, Ricardo Teixeira, dizendo que as investigações fizeram que “o Ministério da Fazenda registrasse uma movimentação financeira “atípica” por parte de Teixeira durante a preparação da Copa do Mundo do Brasil no valor de 150 milhões de euros.”

Almeida (2015) levanta, porém, que mesmo com os clubes adentrando em um perfil neoliberal e internacional, é possível não perder a essência e a raiz identitária que os fizeram ganhar o prestígio e fama ao longo de suas jornadas históricas. A manutenção de fatores simbólicos que carregam em si um agente imaterial simbólico para os adeptos é fundamental para não perder o ideário ligado à emoção e entusiasmo como Almeida destaca.

Nos mercados de trabalho do futebol, os clubes transnacionais ainda praticam glocalização cultural: concedem estatuto a figuras simbólicas nacionais ou locais e recrutam jogadores estrangeiros provenientes de nações culturais similares, ao mesmo tempo que procuram construir um reconhecimento global (GIULIANOTTI; ROBERTSON, 2004, p. 553, apud ALMEIDA, 2015, p.11)

5.2. Substituição do torcedor pelo consumidor

O perfil de consumidor adentra cada vez mais as arquibancadas e demais ambientes vinculados ao futebol. Aquele indivíduo que outrora seria identificado como o apaixonado torcedor, imerso em sentimento extasiado por seu clube, agora ganha a índole de um consumidor de um produto. “Vivemos a coxinhização⁴ do futebol, amplificada pelas novas ‘arenas’ e seus ingressos caros, cujos preços são estipulados por marqueteiros e cartolas elitistas que imaginam ser o futebol um apenas produto.” (PEREIRA, 2014).

É possível constatar que o adepto cada vez mais pode assumir um comportamento em relação ao torcer, bem próximo ao ato de consumir qualquer outro tipo de lazer e não ser impulsionado fundamentalmente por seu ímpeto sentimental com seu clube preferido. A não conquista de uma vitória ou de um título é capaz de fomentar no indivíduo a ideia de que foi lesado, que adquiriu um produto defeituoso onde pagou o ingresso para adentrar no estádio - por algo que não funciona. É evidente que o sentimento de insatisfação é algo usual perante uma derrota, entretanto, no futebol, esta sensação de revolta era impulsionada pelo descontentamento com o resultado ruim do time do coração e não meramente uma questão financeira como se comprasse um produto com mau funcionamento. Rodrigues e Carvalho Silva comentam sobre este fator recorrente no esporte atualmente:

O futebol passa a refletir uma situação em que o jogo em si passa a ocupar uma posição secundária [...] o futebol lúdico tem dado lugar a aspectos pragmáticos do lucro. [...] o futebol, como esporte organizado no âmbito dos clubes, parece estar migrando de uma urbanização baseada em valores e tradições para uma organização que enfatiza critérios de eficiência, de rentabilidade e de competitividade. Pois, atualmente, o futebol é tratado como um produto, onde a ênfase por resultado é mais importante que os valores do esporte, ou melhor, o futebol impulsionado pela “paixão” dos brasileiros e, principalmente, por parceiros que buscam vantagens econômicas, passou a ser considerado um ativo a ser explorado. (RODRIGUES; CARVALHO SILVA, 2006, p. 168)

Esta nova característica unida ao cunho neoliberalista de busca de lucro acentuam o caráter de gentrificação⁵ do público presente nos diversos espaços do futebol.

O reforço das políticas comerciais e financeiras no futebol alterou significativamente o quadro de relações que se estabelecem entre os aficionados e os clubes, originando a substituição dos adeptos por consumidores. Esta realidade constitui, sem dúvida, uma das características mais marcantes do futebol contemporâneo. A busca pela maximização do lucro

⁴ Coxinhização: termo referido à elitização do público.

⁵ Termo referente à retirada de um público tradicional, normalmente de classe mais baixa, pela substituição por indivíduos de perfil social mais abastado.

e o afastamento dos adeptos tradicionais terá “roubado” o futebol dos adeptos (Bazel, 2011; Samuels, 2008). Nesta linha de pensamento, tem sido destacado o processo de gentrificação que tem percorrido os estádios, que diz respeito à substituição dos adeptos provenientes das classes trabalhadoras por consumidores dos estratos mais elevados da sociedade. Tal como realça Dubal (2010: 135), “o Manchester United já não é um lugar onde os adeptos das classes trabalhadoras podem desfrutar futebol a preços razoáveis, sendo agora um local onde os adeptos de classe média consomem futebol”. (ALMEIDA, 2015, p. 11).

Uma questão que pode ser entendida como simbólica neste processo gentrificação, é o gradual aumento do preço dos ingressos. Em um estudo sobre o encarecimento das entradas esportivas, Canale (2011) comenta sobre o caso do Corinthians e Palmeiras – clubes tradicionalmente de grandes massas – que ocorreu gradativamente “um reajuste de 137% no valor médio dos ingressos entre 2004 e 2010, seguido de perto pelo rival Palmeiras que reajustou seus preços em 132% no mesmo período.” Dados levantados pela Pluri (2013) deixam ainda mais claro esta elitização recorrente no futebol.

Preços dos Ingressos x outros indicadores Evolução comparativa 2003-2013

Período	Ingresso - Preço médio em R\$ (*)	Salário Mínimo - R\$	Renda per Capita anual - R\$	BIG MAC - R\$	Cesta Básica - R\$	Inflação IPCA - % ano	Renda média do Trabalhador - R\$ / mês	Gasolina - R\$ / Litro
Mar-2003	9,50	240,00	8.382	4,60	210,01	5,2%	1.423	2,22
2004	11,20	260,00	9.511	5,50	213,48	7,6%	1.409	2,14
2005	11,50	300,00	10.720	5,80	212,82	5,7%	1.443	2,34
2006	11,90	350,00	11.709	6,30	207,10	3,1%	1.507	2,53
2007	13,30	380,00	12.769	6,90	229,39	4,5%	1.560	2,51
2008	15,40	415,00	14.183	7,60	283,31	5,9%	1.621	2,50
2009	18,30	465,00	15.992	8,00	283,06	4,3%	1.660	2,51
2010	23,00	510,00	16.918	8,70	299,07	5,9%	1.733	2,57
2011	30,20	545,00	19.509	9,50	321,10	6,5%	1.784	2,73
2012	34,30	622,00	21.252	10,50	351,73	5,8%	1.861	2,74
Mar-2013	38,00	678,00	22.402	10,50	386,17	1,5%	1.955	2,89
Total 2003-2013	300%	183%	167%	128%	84%	73%	37%	30%
Média anual 2003-2013	14,9%	10,9%	10,3%	8,6%	6,3%	5,6%	3,2%	2,7%
Fonte:	PLURI	Banco Central	Banco Central	EIU	Dieese	IBGE	IBGE	ANP

(*) Preço médio das entradas inteiras não promocionais, para os jogos dos principais clubes Brasileiros.

Figura 10. Tabela referente aos aumentos no preço dos ingressos. Disponível em: <
<http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/04/11/ingressos-de-futebol-no-brasil-aumentaram-300-em-10-anos/>>. Acesso em: 01 de jun. 2017

Entendemos que esta explosão no preço dos ingressos fundamenta a marginalização de uma população com menor poderio aquisitivo. Conforme os custos para se deslocar e frequentar um recinto futebolístico crescem descompassadamente

em relação às capacidades aquisitivas dos cidadãos, menos estes serão capazes de frequentar e impulsionar a sensação da paixão pelo esporte em si em seus dependentes financeiros. Isto atrapalha diretamente o entendimento do esporte como bem democrático, coletivo e de traços sociais.

5.3. Gentrificação no contexto de Juiz de Fora

A cidade de Juiz de Fora possui o icônico caso de gentrificação e exclusão de um bem urbano social, a retirada do tradicional campo do Lacet, no bairro Dom Bosco. Bairro este que está presente em uma área de intenso interesse especulativo financeiro, o que acarretou diversas modificações urbanas em sua história recente. No ano de 2008, a cidade presenciou um dos atos mais segregacionistas e gentrificadores no tradicional bairro juiz-forano, a construção do Shopping Independência. Este simbólico monumento que elitizou todo seu entorno, acelerou ainda mais o processo de especulação imobiliária de seu entorno, trazendo duras e traumáticas mudanças para a população carente que habita as proximidades. (MENEZES; MONTEIRO, 2010)

Menezes e Monteiro (2010) destacam que, bem como a construção do shopping, as outras diversas construções – como o hospital privado Monte Sinai – só acentuam as desigualdades e descaso com a realidade da comunidade que vive nos arredores. Dentre as diversas perdas que a população sofre, a retirada do campo do Lacet possui significado especial para este trabalho, além de possuir marcas características da presença histórica e da construção da identidade do bairro.

O bairro Dom Bosco surgiu na década de 1920, oriundo do processo de decadência do café na região. A principal mão de obra utilizada nas fazendas de café ainda era de origem afrodescendente, resquício da escravidão que “acabara” em 1889. São controversas as histórias de sua origem que remetem desde a existência de comunidade quilombola a demais populações, de origem rural, assistidos pela obra de assistência social da Igreja de São Mateus. Uma capela foi erguida pela ordem dos Vicentinos no alto da encosta e dedicada a Dom Bosco, consolidando assim o nome da localidade e o bairro em formação. Portanto, a origem do bairro Dom Bosco é predominantemente de migrantes rurais negros e pobres que se encontravam sem teto seja por origem direta do êxodo rural, seja por constituírem-se já, uma periferia social urbana. Outra versão relata que em 1927, após a aquisição das terras, o Sr. Vicente Beghelli edificou uma capela surgindo a seu lado e quase que simultaneamente, um campo de futebol. Esse campo também ocupava parte das terras de Beghelli. (MENEZES; MONTEIRO, 2010,p. 3).

O importante campo comunitário foi retirado de seu local originário com o objetivo de “melhorar a visibilidade do recém-construído Shopping Independência, ao qual grande parte da população do bairro Dom Bosco tem acesso restrito devido à sua condição econômica.” (MENEZES; MONTEIRO, 2010,p. 8). Esta modificação tão

drástica na noção de espaço coletivo da população nos faz indagar cada vez mais sobre a falta de interesse político em manter, incentivar e dar subsídio às diversas manifestações culturais típicas das múltiplas áreas juiz-foranas. Indo além, podemos ver como, ainda hoje, atitudes higienistas e de gentrificação social são recorrentes no âmbito não somente do futebol, mas de maneira geral. A preocupação com o bem estar público se mostra defasado quando tange aspectos vinculados às camadas mais pobres da população.

O campo de futebol conhecido como Curva do Lacet removido em 2007 para viabilizar uma melhor visualização da fachada do Shopping Independência, bem como para retirar de frente do Shopping o fluxo de pessoas pobres, semeou na comunidade do bairro um sentimento de revolta. Aliás, essa vem sendo uma prática constante no processo de higienização da área. Basta remover os fixos utilizados pelas parcelas mais pobres da população local, que os fluxos dessas parcelas diminuem, podendo até se extinguir. Ou seja, alteram-se os fixos que se mudam os fluxos. O sentimento de revolta da comunidade foi rapidamente cooptado pelo poder executivo da cidade, que prometeu em troca a construção de outro campo num bairro vizinho. Surge aí outro problema. O novo campo seria construído num local bem afastado. Mas a prefeitura, na época representada pela figura de Carlos Alberto Bejani, não perdeu tempo, cooptou as lideranças da comunidade e os usuários do campo com o discurso que o novo campo seria bem melhor e que onde era o antigo campo seria construída uma praça com quadras poliesportivas e com professores de Educação Física para a orientação de práticas esportivas em geral. Esse discurso feito a uma comunidade tão carente de áreas de lazer não demorou a conquistar a confiança da população do bairro. Esta então se acalmou e ficou à espera das promessas do então prefeito. Não demorou e no dia 09 de outubro de 2007 a prefeitura de Juiz de Fora anunciou que colocaria 25 lotes à venda, entre eles a Curva do Lacet, na tentativa de levantar recursos para a construção do Hospital da Zona Norte. Cabe lembrar que o outro campo construído pela prefeitura, além de se localizar bem afastado do bairro, não cumpriu as dimensões e especificações que constavam no projeto apresentado à comunidade pelo próprio poder executivo da cidade. O sentimento de revolta antes cooptado, volta a se manifestar. Entra em cena o poder legislativo e seus representantes, que através de velhas práticas “coronelistas” canalizam a revolta da comunidade para a via institucional, esfriando os ânimos dos moradores. Atualmente o terreno onde se localizava o antigo campo encontra-se sem função social servindo de acesso e de fachada para o Shopping Independência. (MENEZES; MONTEIRO, 2010,p. 10).

6. Estudos de caso

6.1. Requalificação para a sede social do América Futebol

Um projeto do arquiteto Delfim Amorim, a edificação sede do América Futebol Clube se apresenta como um grande marco da arquitetura nordestina de sua época. Construído em 1959 com sua inauguração feita sete anos depois, em 1966, o espaço se apresentava como um expoente arquitetônico como também um marco social para a cidade. O ambiente era considerado um centro de encontro social amplamente frequentado bem como um local de constituição de paradigmas culturais no modo de vida de seus frequentadores.

Neste contexto, se insere a Sede Social do América Futebol Clube. O edifício pode ser entendido como um registro de um momento histórico vivido por Natal no século XX, momento em que a cidade passa de cidade “dorminhoquenta” à Natal moderna. (OLIVEIRA, 2015, p. 18).

O edifício apresenta significativa contribuição também para a valorização e afirmação social de seu entorno urbano. (TRIGUEIRO; FEIJÓ, 2012 apud OLIVEIRA, 2015).

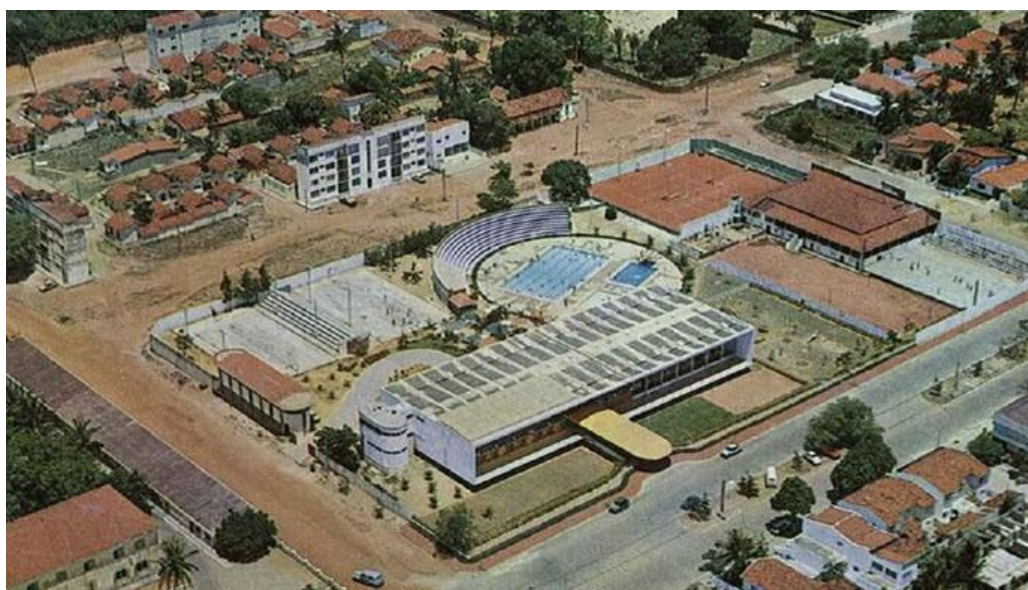


Figura 11. Antiga sede do América. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/rn/america-rn-100-anos/noticia/2015/07/babilonia-rubra-sede-social-e-motivo-de-orgulho-e-fonte-de-memorias.html>>. Acesso em: 20 de jun. 2017

Com o passar do tempo, o complexo de edificações sofreram severas mudanças em sua conformação geral, contudo nas últimas décadas estas mudanças se mostram mais alarmantes devido à intensidade dessas alterações espaciais. Uma construção que até então é considerada um grande ponto arquitetônico de toda uma região se mostra em risco de ser ainda mais irreconhecível perante o que foi outrora. Intervenções tanto na edificação em si, bem como em seu entorno imediato deixam em dúvida a integridade da proposta arquitetônica.

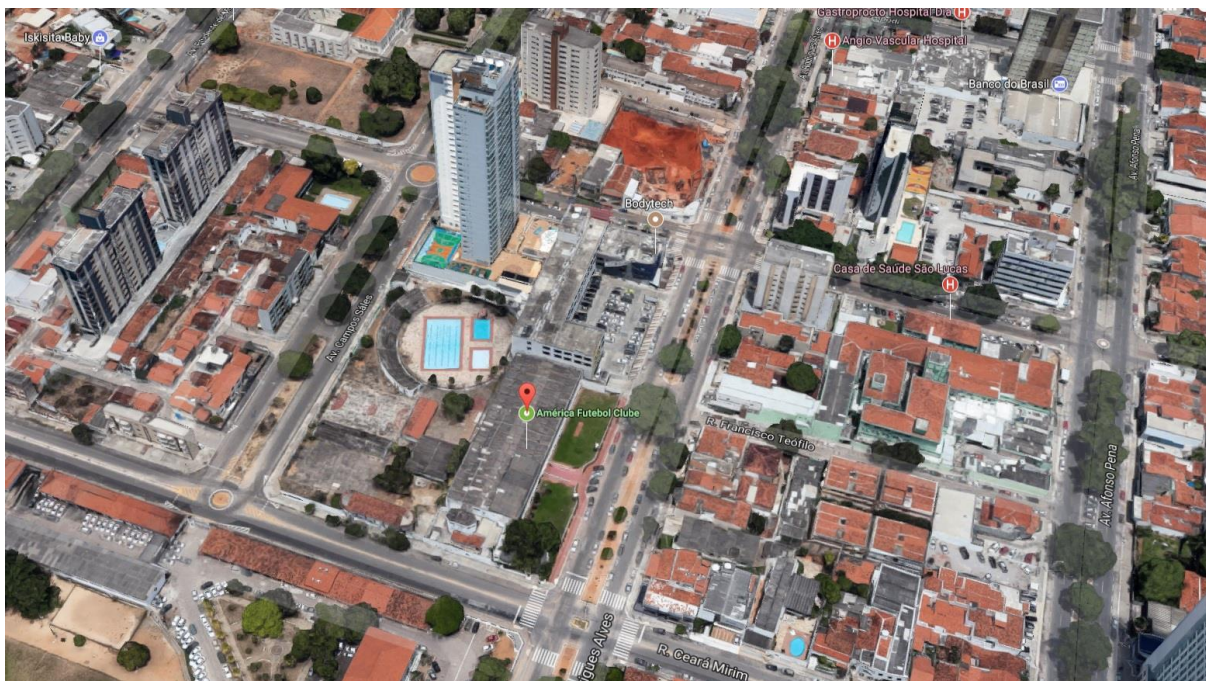


Figura 12. Conformação espacial atual da sede do clube. Disponível em: Google Earth modificado pelo autor (2017). Acesso em: 20 de jun. 2017

Mesmo com sua grande importância para a arquitetura brasileira e, especificamente, de Natal, o projeto de Delfim Amorim não é tido como patrimônio cultural da sociedade. Oliveira (2015) dialoga que, de um modo geral, tanto o fato do projeto em questão ser relativamente novo, como a necessidade de uma reformulação e uma maturação no ideário coletivo para se perceber as diversas contribuições históricas que este imóvel apresenta, onde, talvez, esta falta de reconhecimento seja um dos motivos para a atual degradação da construção e desleixo com seu entorno. Ainda sob este raciocínio, Oliveira (2015) fala sobre o valor artístico modernista que a sede carrega, visto que seu projetista é um dos nomes centrais de seu período.

As proposições projetuais de Oliveira agregam um tom de contemporaneidade e uso social adequado à contemporaneidade, visto que, por mais importante

historicamente que a edificação possa ser, a sua função social se tornou, até certo ponto, obsoleta.

O Espaço de Cultura e Lazer Delfim Amorim se trata da requalificação do edifício modernista sede do América Futebol através de uma mudança de usos do próprio edifício, mas também do entorno, pois a união entre estes dois elementos propicia o retorno da integração entre o edifício modernista e a rua (OLIVEIRA, 2015, p.92).



Figura 13. Imagem computadorizada da proposta projetual. Fonte: OLIVEIRA (2015, p.91).



Figura 14. Organização espacial do projeto. Fonte: OLIVEIRA (2015, p.92).

Como já citado, a necessidade de novos usos foram adicionados para potencializar o caráter social da edificação. Segundo Oliveira (2015, p.95), “Para a requalificação do edifício modernista novos usos lhes foram dados, e o principal deles é a implantação de uma livraria”. Esta livraria se relaciona de maneira importante com o café presente no clube, estando, respectivamente, na ala norte e sul do prédio, fazendo que o fluxo dos usuários aconteça na área de exposição do América. A área de alimentação se mescla com a praça provocada pela intervenção física, agregando uma ambiência diferenciada com a qual o preexistente não contava.



Figura 15. Proposta final de projeto. Fonte: OLIVEIRA (2015, p.93).

A análise deste estudo de caso se mostra interessante para agregar a noção do tema de requalificação e criação de um ambiente de qualidade para o convívio social dos mais diversos públicos e classes sociais em um local relacionado ao futebol. Preservar e possibilitar o uso de maneira moderna e atual são pontos de grandiosa essencialidade para a proposta na cidade de Natal, algo que norteia também o que se almeja para o projeto de desenvolvimento em Juiz de Fora.

6.2. O Incomum Campo de Futebol, intervenção em Bangkok

A cidade de Bangkok é amplamente marcada por espaços degradados e com pouco cuidado público. Nas zonas de periferia e regiões com população carente este índice de descaso com a qualidade de vida, salubridade, lazer e responsabilidade social são ainda maiores.

De maneira a criar espaços onde os habitantes do bairro de risco Khlong Toei pudessem desfrutar de espaços públicos que estimulem a coletividade de seus moradores, as empresas AP Tailândia e CJ Worx se uniram para desenvolver um projeto O Incomum Campo de Futebol (The Unusual Football Field). (GAETE, 2016).

A proposta consiste em analisar e limpar zonas pontuais e, nestas extensões, desenvolver campos de futebol não obrigatoriamente retangulares. As quadras desenvolvidas são adaptativas, variam de acordo com área nas quais serão implantadas. (GAETE, 2016)



Figura 16. Espaço degradado em um momento anterior à intervenção. Disponível em: <<http://www.designboom.com/design/thailand-create-worlds-first-non-rectangular-football-field-09-27-2016/>> Acesso em 20 de jun. 2017



Figura 17. Espaço já modificado e posteriormente à intervenção demonstrando o uso da população.
Disponível em: <<http://www.designboom.com/design/thailand-create-worlds-first-non-rectangular-football-field-09-27-2016/>> Acesso em 20 de jun. 2017

Para encontrar estes locais de baixa produtividade, o recurso da fotografia aérea foi fundamental. Tendo a noção do alto adensamento da cidade de Bangkok e, especificamente das zonas periféricas de maior pobreza, somente pela visão aérea foi possível ter plena visão das pequenas áreas subutilizadas. Tendo feito o levantamento, estes diminutos átrios situados nos emaranhados residenciais foram cobertos com concreto e, posteriormente, com revestidos com tinta antiderrapante e fazendo as marcações adequadas às quadras de futebol – mesmo que não seguindo medições padronizadas. As inserções são consideradas um grande sucesso pelos desenvolvedores, visto que estão constantemente sendo utilizadas pelos jovens da região. (TIME, 2016).



Figura 18. Quadra no momento do uso por crianças. Disponível em:
<<http://www.designboom.com/design/thailand-create-worlds-first-non-rectangular-football-field-09-27-2016/>> Acesso em 20 de jun. 2017

Este tipo de intervenção é de grande contribuição para estimular e manter a presença positiva do futebol como lazer e alternativa de união comunitária mesmo em regiões com grande dificuldade espacial. A implantação desta solução na Tailândia, país onde o futebol é o esporte mais popular, é algo que pode ser entendido como uma alternativa também para zonas degradadas no Brasil, visto que a paixão pelo esporte também é latente.

6.3. Conjunto habitacional Jardim Novo Marilda

O projeto em questão se localiza na zona sul de São Paulo-SP, no Grajaú, uma zona com amplas ocupações informais, sejam públicas ou privadas. Conta com mais de 1032 residências locadas em uma área estimada em 112100 m² e as numerosas apropriações eclodiram por volta de 1987. Esta proposta projetual de um conjunto habitacional foi desenvolvida pelos alunos da Escola da Cidade, Marcelo Venzon, Guilherme Bravin, Livia Baldini e Maria Fernanda Basile, orientados por Mário Figueroa, foi a 2^o colocada no prêmio nacional de pré-fabricados e tem como preceito básico o respeito e manutenção da identidade popular. (HELM, 2011)



Figura 19. Esquematização 3D da relação entre habitações e o campo de futebol local. Disponível em: <<https://concursosdeprojeto.org/2011/12/10/resultado-6o-premio-nacional-de-pre-fabricados-de-concreto-para-estudantes-de-arquitetura-2o-lugar/>>. Acesso em 19 de jun. 2017

A sugestão arquitetônica e urbanística tem em seu conceito base a integração dos espaços públicos e privados. A constituição de uma ideia de vizinhança viabilizada pela disposição das edificações ao longo do conjunto. Esta mesma locação estratégica das residências criam pequenas praças e, alinhado às tipologias diminutas, geram uma boa visibilidade para o interior dos terrenos bem como para o próprio campo esportivo. (CONCURSOS DE PROJETO, 2011).



Figura 20. Planta de situação do projeto. Disponível em: <<https://concursosdeprojeto.org/2011/12/10/resultado-6o-premio-nacional-de-pre-fabricados-de-concreto-para-estudantes-de-arquitetura-2o-lugar/>>. Acesso em 19 de jun. 2017.

A afirmação do futebol como parte da identidade coletiva popular é de grande valia para entender como este esporte, mesmo que de maneira subjetiva, pode ser visto como um aglutinador e centralizador humano. A essência deste projeto permeia por áreas as quais são estruturalmente indispensáveis para um bom trabalho urbano que englobe o esporte bretão como um de seus alicerces. A manutenção do ambiente esportivo preexistente e a compreensão de suas potencialidades coletivas é algo a ser levado em consideração ao ato projetual.

6.4. Museu do futebol no Pacaembu

O estudo de referência a seguir aborda o Museu do Futebol locado no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o popular Pacaembu, em São Paulo – SP. O projeto de autoria de Mauro Munhoz abrange uma área de cerca de 6900 m² e data de 2008.

A proposta busca demonstrar in loco como o futebol esteve presente e construiu parte da identidade nacional de modo geral. Suas exposições demonstram a maneira como a cultura brasileira é – e foi – influenciada diretamente por grande parte do que o futebol tange, tendo em mente que este é uma das mais importantes manifestações socioculturais brasileiras. (ARCHDAILY BRASIL, 2014).



Figura 21. Acesso frontal do Pacaembu, onde se encontra o Museu do Futebol. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.

quanto em seu uso, incentivando a apropriação espacial da grande galeria em que se encontram diversas das atrações. É possível compreender que sua função social na revitalização do entorno imediato é imensa, levando como base a atratividade de diversos públicos que este relicário do futebol traz para a ambiência urbana.

O resultado é uma surpreendente pedagogia do olhar, com o aporte conceitual se revelando pouco a pouco ao visitante durante o percurso, através de pequenas ou grandes surpresas que estimulam a sensibilidade lúdica e, às vezes, onírica própria do futebol. Aonde havia maciças paredes de fechamento voltadas para a Praça Charles Miller, temos agora – ampliando o caráter urbano do edifício – acessos diversos ao campo, museu, loja comercial e restaurante. No interior, tanto no saguão como em algumas áreas expositivas, os quatro pavimentos estão integrados espacialmente, com a possibilidade de visadas cruzadas entre ambientes e cotas distintas. (GUERRA, 2011)

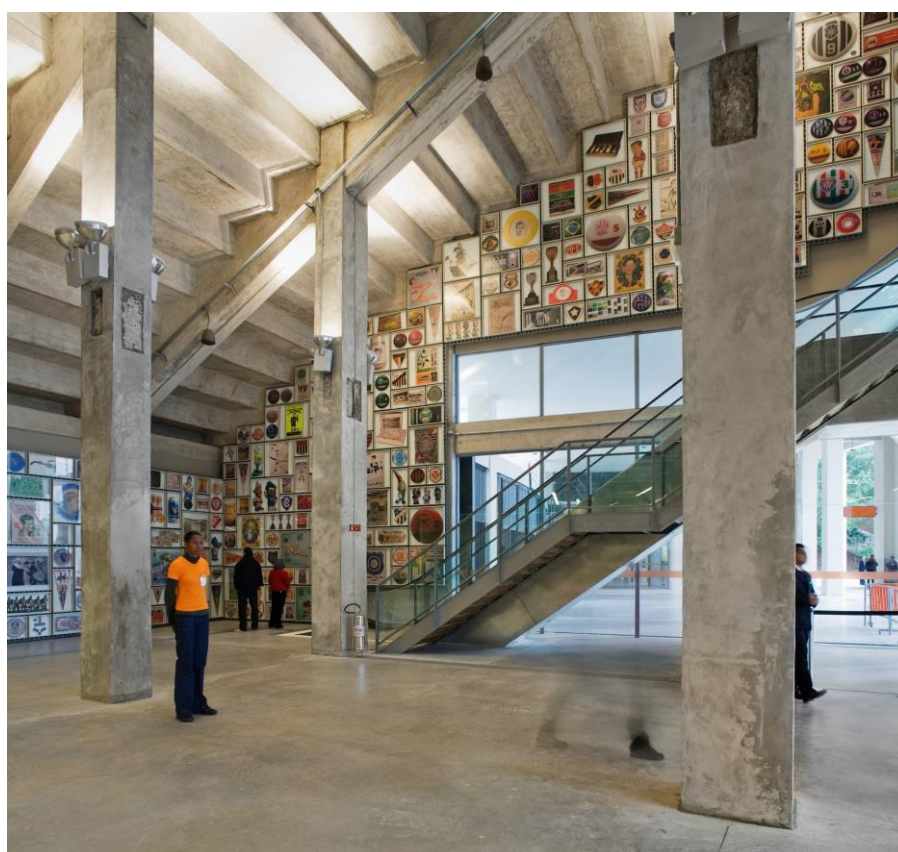
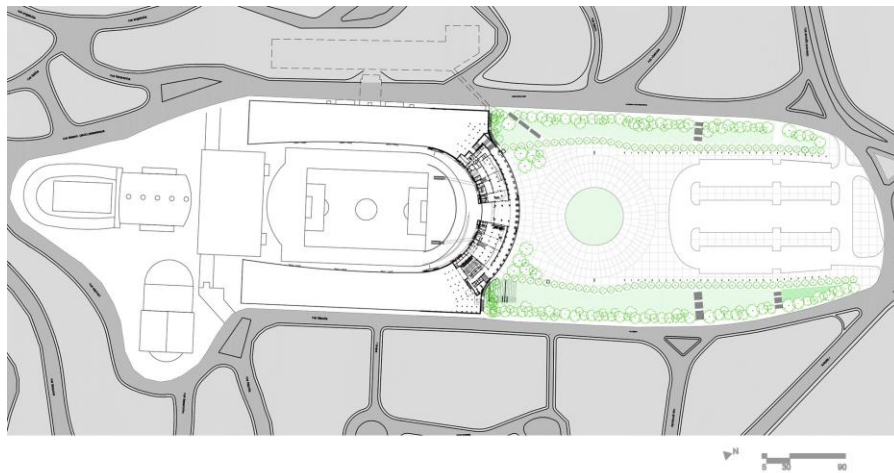


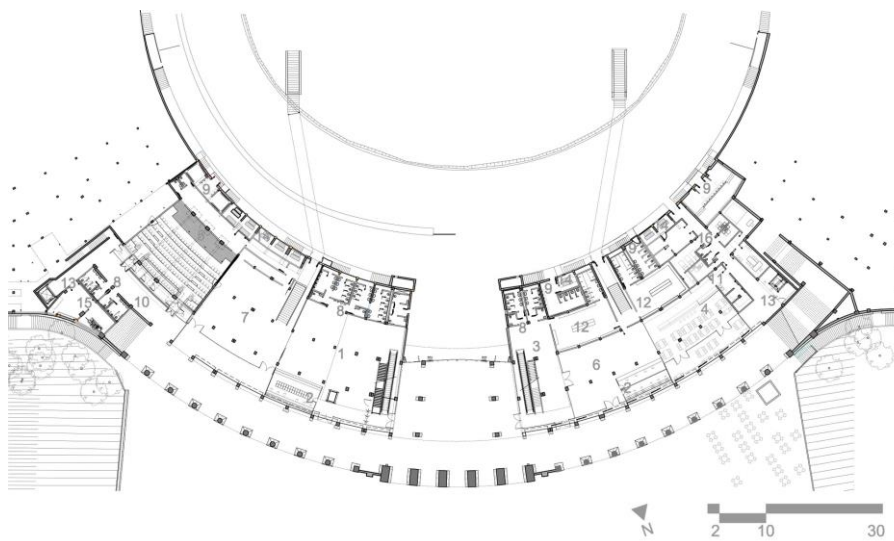
Figura 23. Saguão de entrada do museu. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.



Implantação - Praça Charles Miller,
Museu do Futebol e Complexo
Esportivo do Pacaembu
Esc.: 1:2500



Figura 24. Implantação do projeto. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.



- | | | |
|-------------------|--------------------------|--------------------------------|
| 1-Hall de Entrada | 7-Exposições temporárias | 13-Hall Acesso Administração |
| 2-Bilheteria | 8-Sanitários Museu | 14-Centrais de ar-condicionado |
| 3-Hall de Saída | 9-Sanitários Estádio | 15-Entradas de torça |
| 4-Restaurante | 10-Foyer do Auditório | 16-Áreas de uso de Estádio |
| 5-Auditório | 11-Cozinha | |
| 6-Loja do Museu | 12-Vestiários | |

Planta do Pavimento Térreo
Esc.: 1:400



Figura 25. Planta do pavimento térreo do projeto. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.

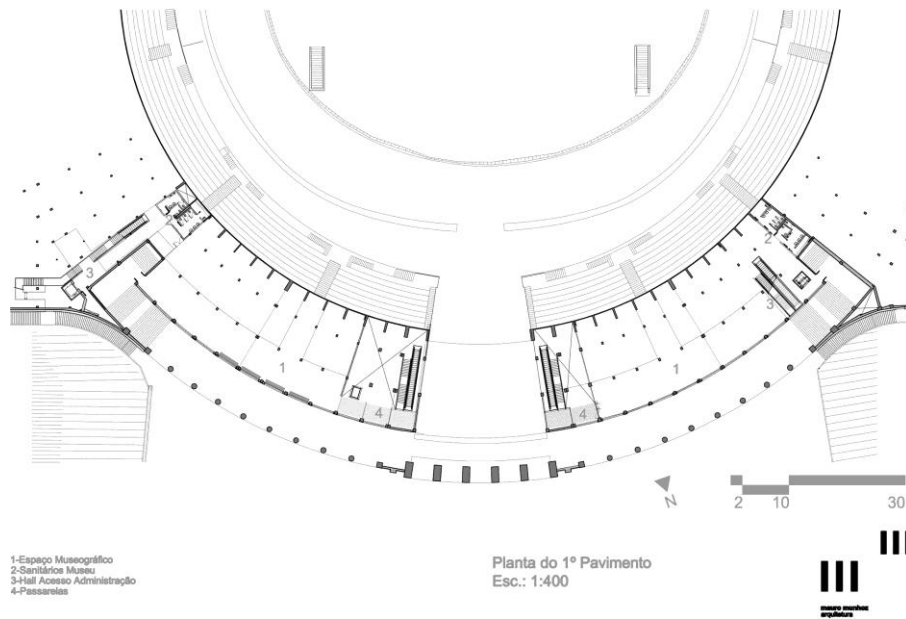


Figura 26. Planta do primeiro pavimento do projeto. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.

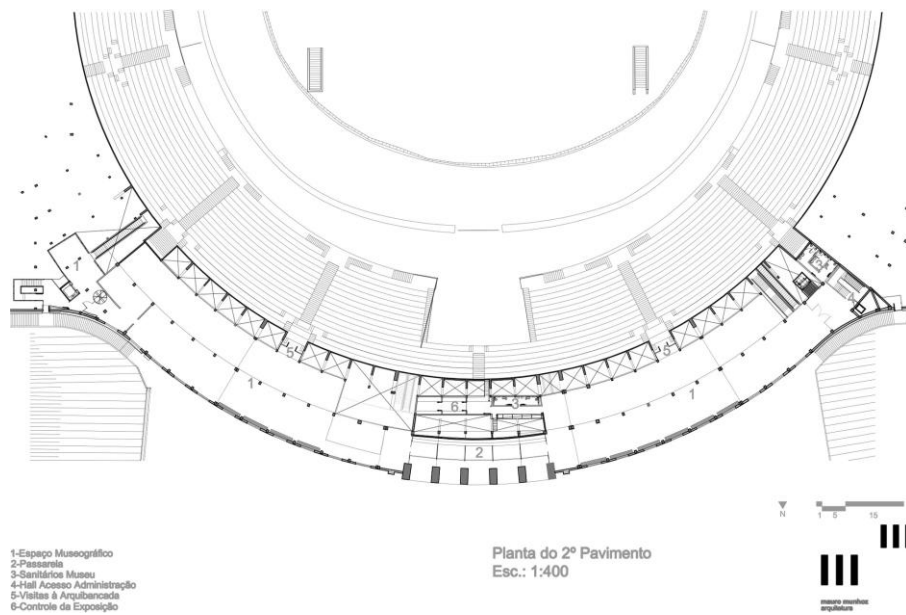


Figura 27. Planta do segundo pavimento do projeto. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.

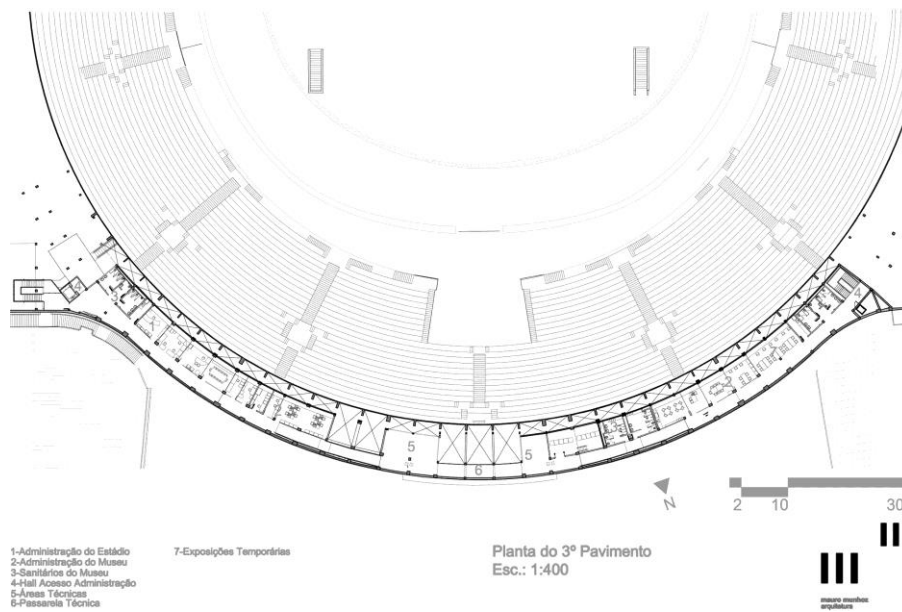


Fig. 28. Planta do terceiro pavimento do projeto. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.

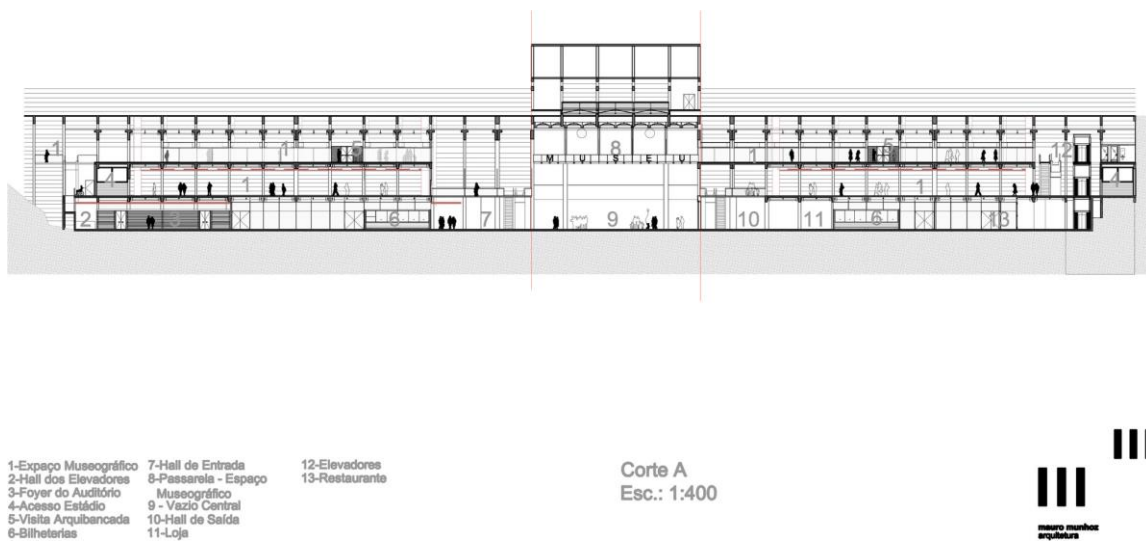
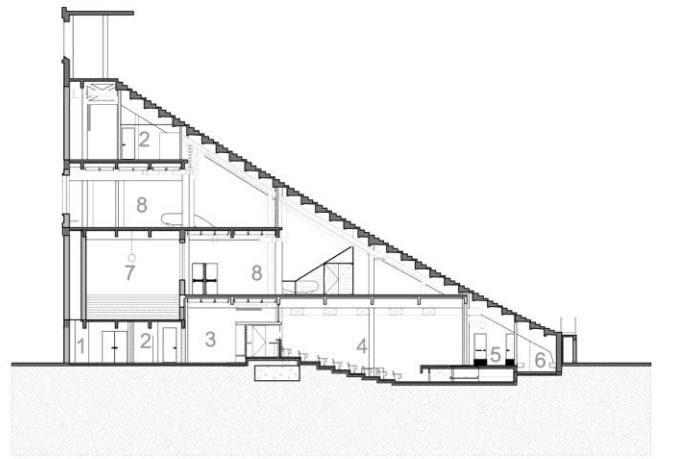


Figura 29. Corte A do projeto. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.



1-Área Técnica
2-Sanitários do Museu
3-Foyer Auditório
4-Auditório
5-Centrals de Ar-Condicionado
6-Sanitários Estádio

7-Escada de Acesso ao Estádio
8-Espaço Museográfico

Corte B
Esc.: 1:200



Figura 30. Corte B do projeto. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em 13 de jun. 2017.

7. Análise de sítio

No presente capítulo será feita a aproximação sobre as condições e o contexto urbano do terreno principal no qual o projeto se destina. Um estudo sobre o entorno imediato e uma apresentação acerca da legislação vigente na área será efetuada para esclarecer quaisquer dúvidas e possibilitar análises mais aprofundadas no ato projetual.



Figura 31. Terreno trabalhado presente no bairro do Poço Rico. Disponível em: Google Earth modificado pelo autor (2017). Acesso em: 09 de jun. 2017

O terreno analisado se encontra no quarteirão entre a Avenida Brasil, Rua Cel. Delfino Nonato de Faria, Rua da Bahia e Rua Pernambuco, no Bairro do Poço Rico. Porém o lote escolhido possui testada apenas na Avenida Brasil e para a Rua da Bahia e Rua Cel. Delfino Nonato de Faria, nesta onde o espaço se mostra frontal á sede do Tupynambás Futebol Clube.



Figura 32. Relação de proximidade do terreno trabalhado com o a sede do Tupynambás FC. Disponível em: Google Earth modificado pelo autor (2017). Acesso em: 09 de jun. 2017

O terreno localiza-se em uma região com relativa proximidade dos grandes referenciais urbanos da área central de Juiz de Fora, bem como está em uma zona frontal ao Rio Paraibuna. O acesso a esta área é consideravelmente fácil, visto que sua boa localização envolta por pontos de referência conhecidos pela grande parte dos cidadãos juiz-foranos.



Figura 33. Relação entre o terreno e demais referenciais urbanos da região. Disponível em: Google Earth modificado pelo autor (2017). Acesso em: 09 de jun. 2017

A partir das definições de limites apresentadas por Lynch (1960), é possível entender que o viaduto da Av. Presidente Itamar Franco cria uma clara ideia de limite

entre o bairro e o centro de Juiz de Fora. Seguindo Lynch, a noção de um limite ocorre pela quebra de uma continuidade. Espacialmente, esta modificação de contexto é sentida ao se ultrapassar o viaduto, onde, em cada um de seus lados, vê-se ambientes urbanos distintos.



Figura 34. Percepção dos limites físicos no bairro. Disponível em: Google Earth modificado pelo autor (2017). Acesso em: 09 de jun. 2017

Retomando Lynch e sua definição de limite:

Os limites são elementos lineares não usados nem considerados pelos habitantes como vias. São as fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade, costas marítimas ou fluviais, cortes do caminho-de-ferro, paredes, locais de desenvolvimento. Funcionam, no fundo, mais como referências secundárias do que como alavancas coordenantes; tais limites podem ser barreiras mais ou menos penetráveis que mantêm uma região isolada das outras, podem ser “costuras”, linhas ao longo das quais regiões se relacionam e encontram. (Lynch, 1960, p.58)

Tanto o cemitério quanto o Rio Paraibuna também funcionam como limites, assim como o viaduto, não apenas fisicamente como em relação ao entendimento urbano ao se ultrapassa-los. É visível a criação de um nicho específico entre essas barreiras, nicho este que resulta na área de estudo.



Figura 35. Criação de um nicho devido aos limites urbanos. Disponível em: Google Earth modificado pelo autor (2017). Acesso em: 09 de jun. 2017

O bairro do Poço Rico se situa na região sudeste de Juiz de Fora, próximo ao Rio Paraíba. Seus mais de 5000 habitantes encontram-se em um estado social de classe média e classe média baixa. A presença da linha férrea passando pelo centro do bairro é um ítem importante e marcante visualmente em toda região. Sua topografia é quase que inteiramente plana, algo decorrente de sua característica varzeana.

Em caráter legislativo, o bairro é visto dentro dos seguintes parâmetros:

- Unidade Territorial 1
- Institucional de Grande Porte
- Modelo de ocupação M3
- Coeficiente de Aproveitamento 2,4
- Taxa de Ocupação 65%
- Afastamentos: lateral: 1,5m; 1,5m e colado – frontal 3m
- Estacionamento: 1 vaga cada 40m² à 200m² construídos

Dentro da área de estudo encontram-se edificações majoritariamente baixas. A configuração de bairro residencial favorece a não presença de edificações muito verticais, mesmo se tratando de uma área consideravelmente próxima à região central de Juiz de Fora. Esta conformação é interessante pois, mesmo com esta região se

mostrando como um ponto de recente interesse imobiliário, devido sua localização privilegiada, o território como um todo ainda possui os gabaritos baixos, e com edificações antigas ou de pouca estrutura formal, dando uma característica de vizinhança.



Figura 36. Gabaritos do entorno. Fonte: Do autor.

Dentro de uma perspectiva visual mais ampla com relação à marcação visual do bairro no skyline juiz-forano, é perceptível que o gabarito das edificações não possui grande impacto visual. Apenas a massa arbórea e a presença do Cemitério municipal fazem marcação visual vertical considerável.



Figura 37. Impacto do bairro no horizonte da região. Fonte: Do autor.

É visível o descompasso entre a presença de determinados mobiliários em relação a outros. A existência de uma grande quantidade de postes e placas e poucas lixeiras, por exemplo, é algo notório. A carência de pontos de parada de transporte público também é uma questão a ser destacada. Poucos abrigos de ônibus são presentes e, ainda assim, mal dispostos. A distribuição é mais frequente nas partes mais próximas ao cemitério municipal e os demais pontos do bairro são pouco contemplados.

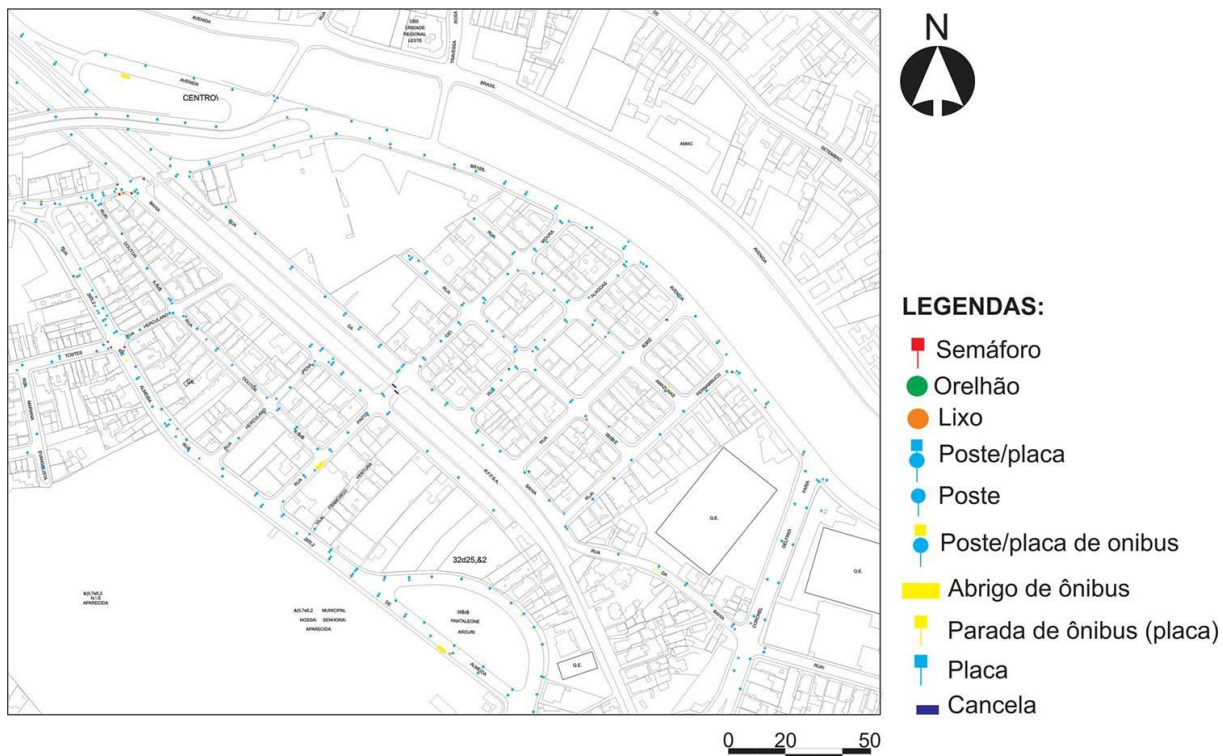


Figura 38. Mobiliário urbano. Fonte: Do autor.

A poluição visual é um ponto recorrente e de desagrado visual em toda a região. Os diversos postes de sinalização, placas de trânsito, fiação elétrica e outros incômodos visuais são comuns por todo o bairro.



Figura 39. Poluição visual frequente na área. Fonte: Do autor.

O bairro é composto majoritariamente por edificações residenciais, especialmente no trecho entre a linha ferroviária e o Rio Paraibuna. É marcante a presença de edifícios destinados à área de mecânica automotiva. A zona possui residências antigas muito consolidadas e com caráter histórico consistente. Contudo há, também, as diversas habitações informais são muito comuns na localidade mais ao oeste do bairro. Muitas dos assentamentos estão em estado de degradação bem avançado contando com pouco suporte físico.

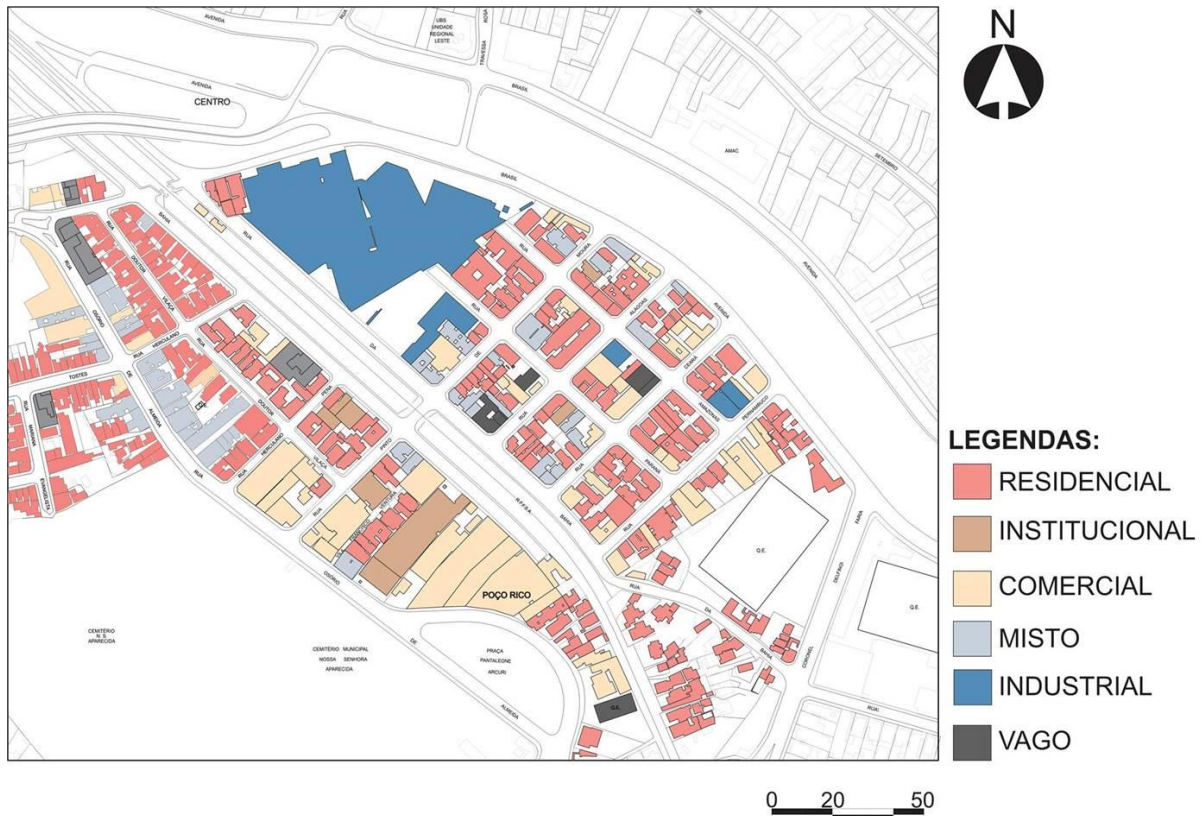


Figura 40. Mapa de usos. Fonte: Do autor.

É possível entender melhor a densidade física da área por meio dos cheios e vazios. O grande espaço formado pela via férrea e as ruas que a permeiam é ainda mais evidente nestes mapas. A amplitude do terreno trabalhado e sua relação física com os demais trechos em seu entorno são visíveis por meio deste tipo de análise.

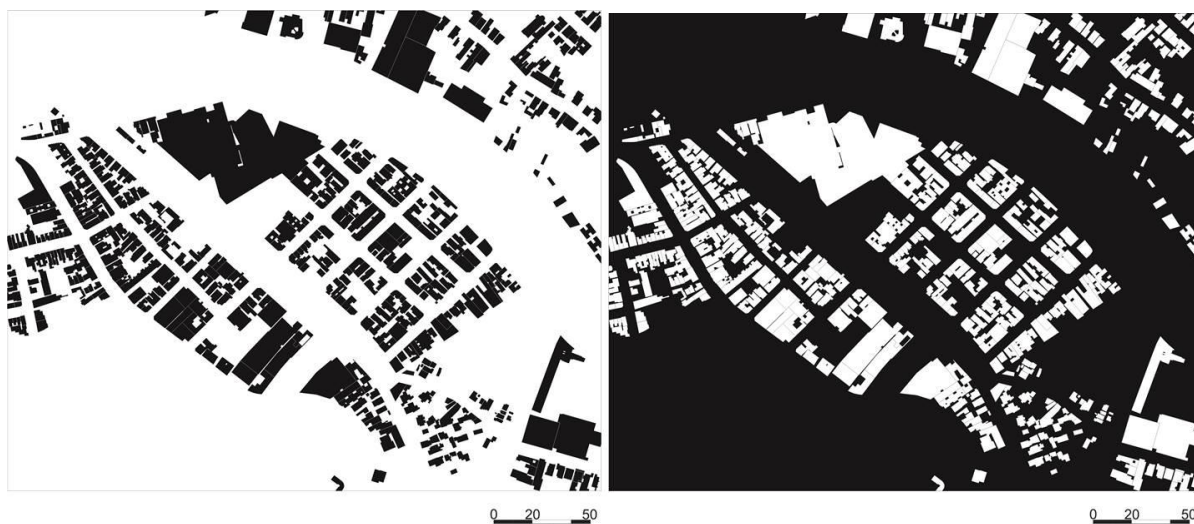


Figura 41. Mapas de cheios e vazios. Fonte: Do autor.

Algo perceptível ao caminhar pelo bairro é a conformidade de ambiências típicas de bairro, seja pela relação da vizinhança, relação de comércio com as residências, fluxo de carros, etc. O setor trabalhado se mostra dentro de uma destas regiões de característica mais intimista. Mesmo estando próximo a uma grande avenida, considerável parte de seu ambiente não se mostra agressivo ao transeunte devido a algum tipo de movimentação intensa. Contudo, a grande presença de lixo, falta de zelo urbano e pouco cuidado do município com as áreas carentes podem servir para o entendimento do local como um ponto de baixa segurança e pouco atrativo.

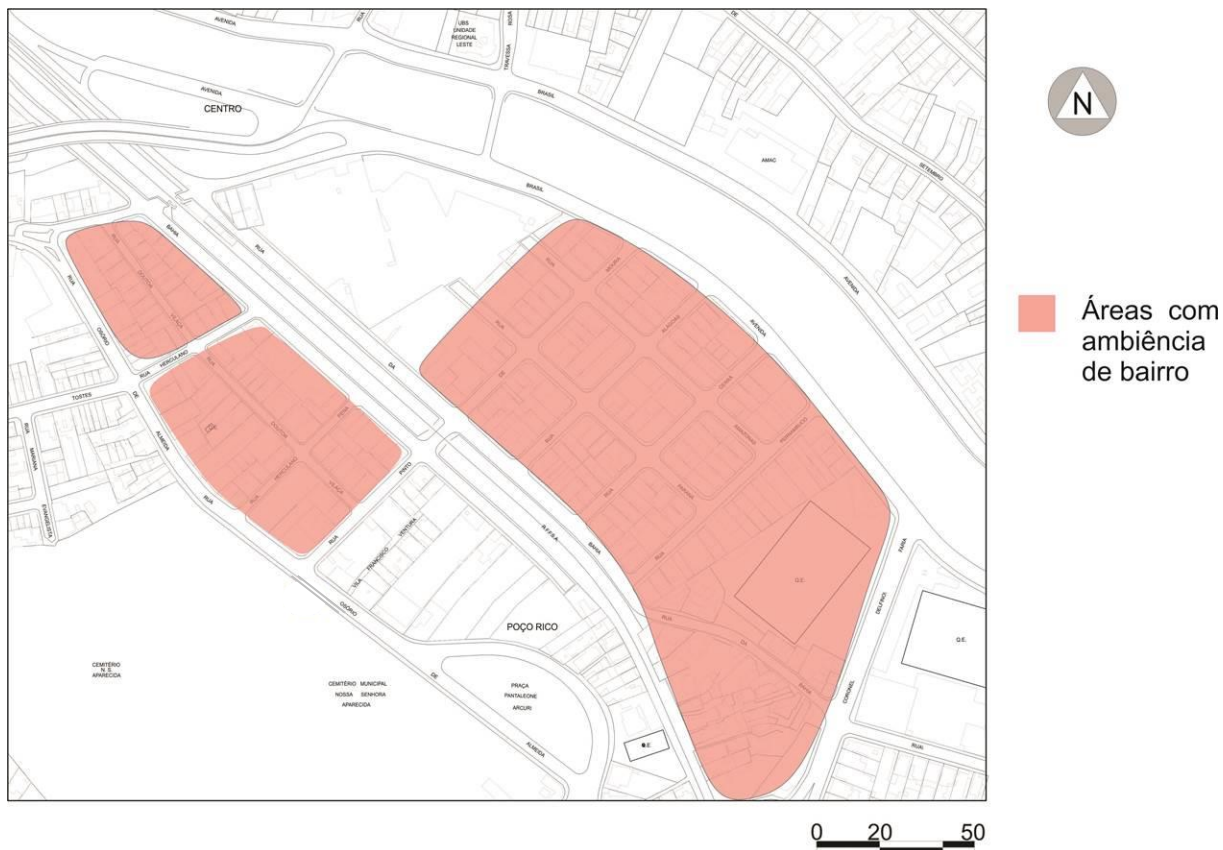


Figura 42. Ambiência urbana. Fonte: Do autor.

Entrando em uma análise viária, no Poço Rico percebe-se a adequação das vias para a demanda que vieram crescendo à medida que o bairro crescia. Hoje a Rua Osório de Almeida, a via principal, é inevitável para aqueles que querem acessar a região Sudeste da cidade. Sua largura não condiz com a quantidade de carros que trafegam naquela área, não existe uma grande quantidade de semáforos e faixas de pedestres, aumentando muito a velocidade dos carros.

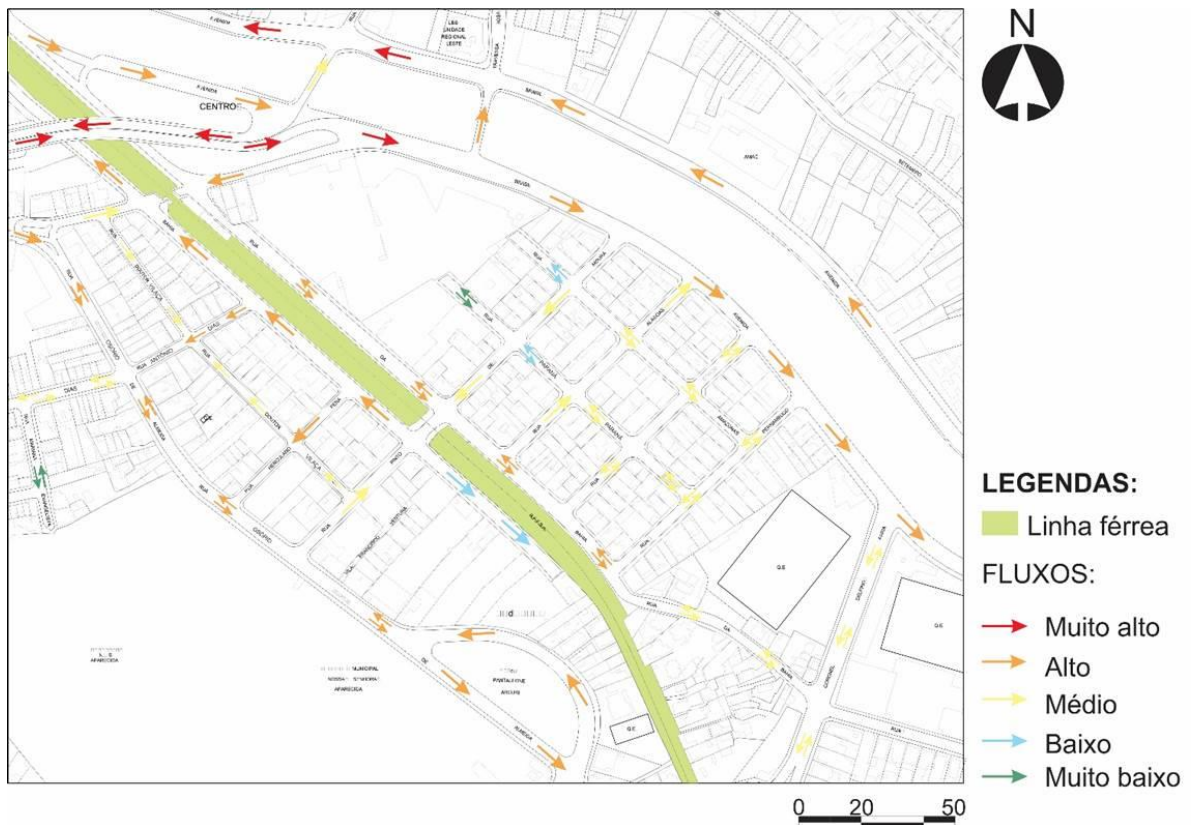


Figura 43. Fluxo automotivo. Fonte: Do autor.

As vias principais, necessárias para dar acesso aos bairros, como a Osório de Almeida e a Avenida Brasil contam com tráfego intenso de veículos. Elas distribuem para as demais vias internas do local, fazendo uma distribuição do fluxo, onde aquelas vias que estão ligadas com as principais recebem boa quantidade de veículos. Podemos então entender que os maiores fluxos encontram-se nas marginais, as vias menores dentro do bairro tem o papel de interligar-se e contam com fluxos menores e consequentemente velocidades menores.

Já em um estudo sobre as massas arbóreas do local, é compreensível que no bairro foi possível identificar algumas massas de vegetação, sendo elas constituídas por árvores pequenas, médias e de grande porte. Existe um ritmo na vegetação no início do trecho proposto, nas demais áreas não existe uma ordem e pouco cuidado com as plantas.



Figura 44. Áreas verdes. Fonte: Do autor.

Especificamente na área proposta para o diagnóstico, a topografia é plana, não havendo variações de temperatura com relação à altura. Alguns locais podem apresentar um microclima diferenciado, pois são influenciados pelas áreas verdes e espaços vazios.

Para entender as questões de insolação no bairro, foi desenvolvido um modelo físico virtual, o mesmo foi adequado à localização do sítio, garantindo fidelidade com o movimento solar daquela forma na região. Os ensaios foram divididos em dois meses do ano, Verão e Inverno e ao longo do dia, em três horários distintos, simulando a percurso do sol.

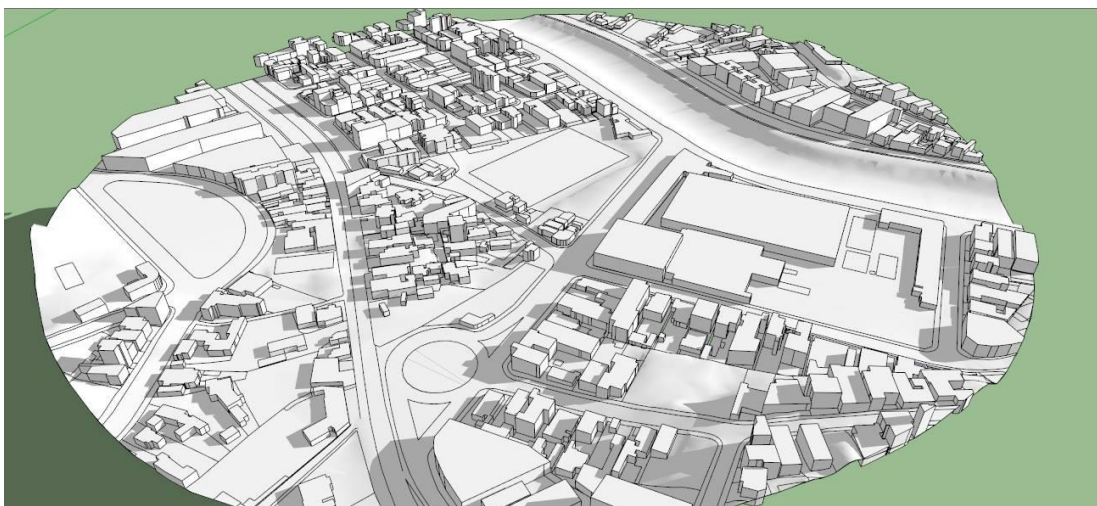


Figura 45. Insolação no mês de março (verão) às 08:00. Fonte: Do autor.



Figura 46. Insolação no mês de março (verão) às 13:00. Fonte: Do autor.

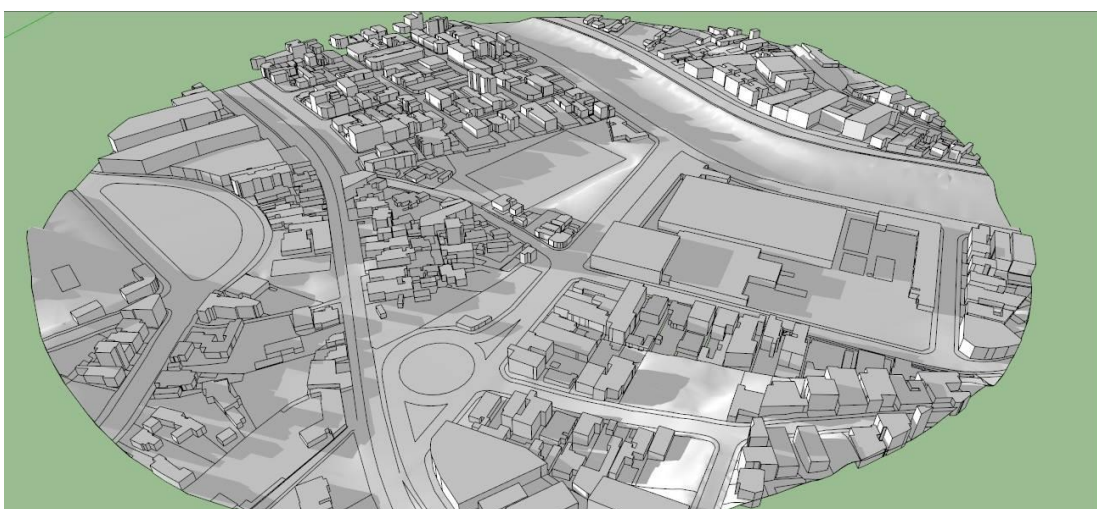


Figura 47. Insolação no mês de março (verão) às 18:00. Fonte: Do autor.



Figura 48. Insolação no mês de agosto (fim do inverno) às 08:00. Fonte: Do autor.



Figura 49. Insolação no mês de agosto (fim do inverno) às 13:00. Fonte: Do autor.

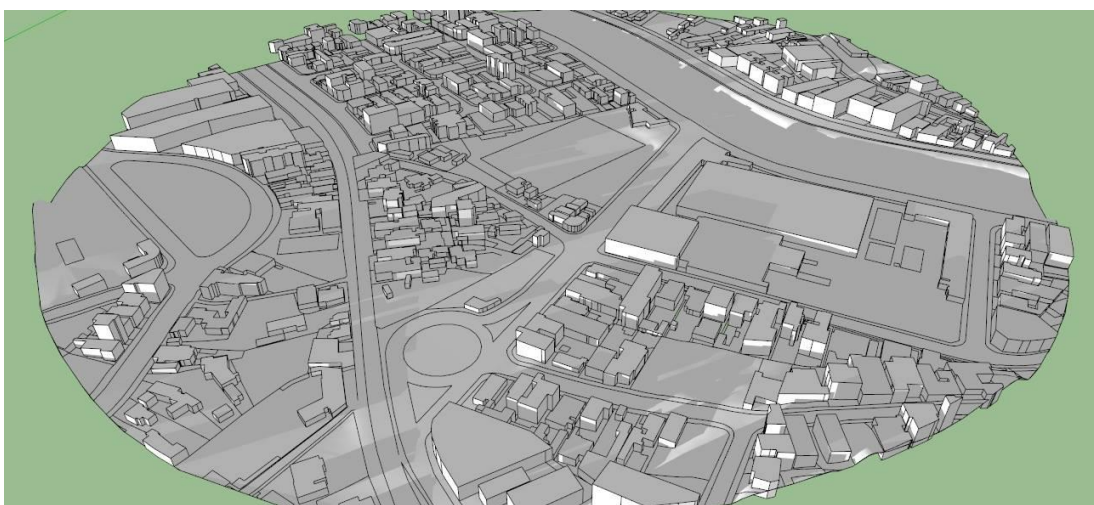


Figura 50. Insolação no mês de agosto (fim do inverno) às 18:00. Fonte: Do autor.

O conforto acústico é um problema constante para toda a área. Os ruídos vindos dos carros é algo incômodo e desagradável tanto para os transeuntes quando para moradores. A linha da férrea e o apito de sinalização do trem também são pontos de desagredo acústico, contudo são menos constantes quanto o barulho feito pelos automóveis.

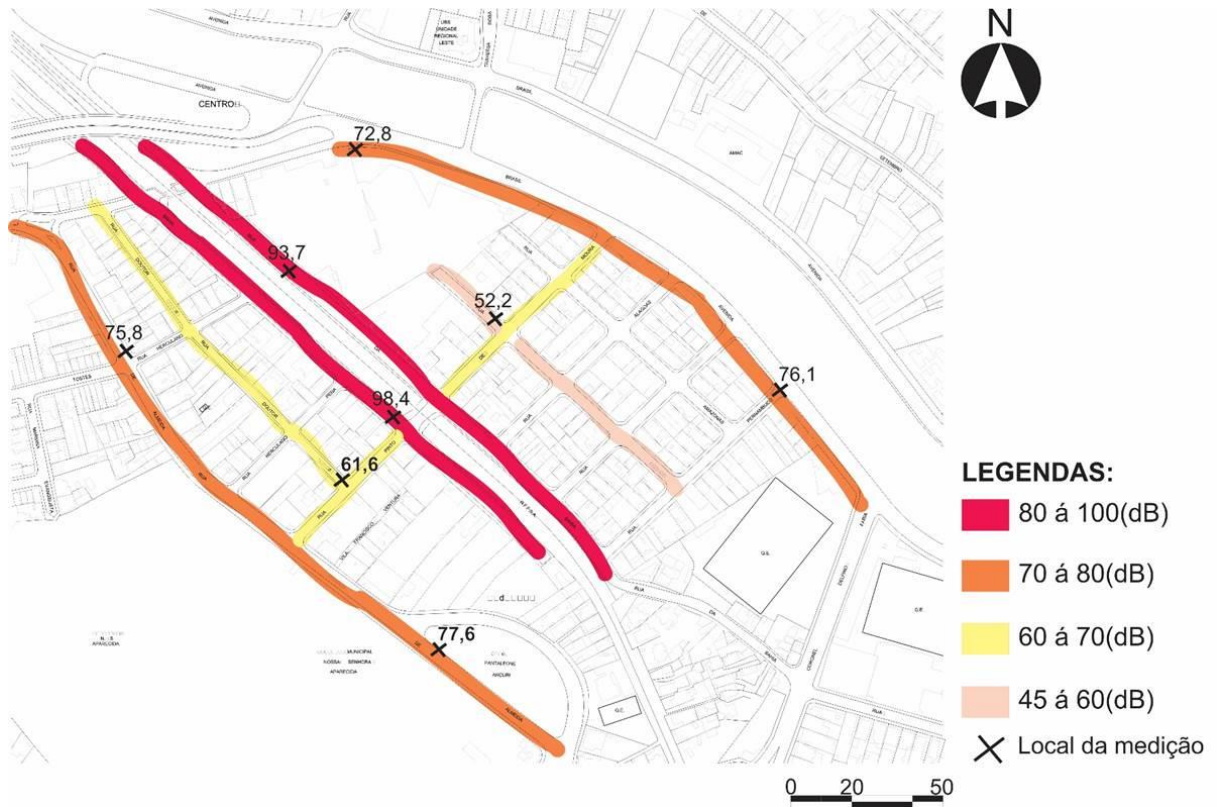


Figura 51. Conforto acústico. Fonte: cedido gentilmente por Tairone Campos.

Conclusão

De maneira a findar e atar todas as informações e conhecimentos construídos ao longo do presente trabalho, esta conclusão pontua, de maneira sucinta, as diretrizes projetuais que serão tratadas mais profundamente no Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II).

É importante salientar que para atingir um patamar de alto nível e plena satisfação na próxima etapa – TCC II -, todas as informações presentes neste estudo se mostram de suma importância para alcançar objetivos e propósitos integralmente coerentes com a realidade do contexto em que a proposta será inserida.

Desde as investigações históricas gerais sobre as conjunturas do Brasil, Juiz de Fora ou mesmo o local específico da inserção urbana, são substanciais para o desenvolver do trabalho.

Indo além do palpável e adentrando no campo imaterial do meio cultural, social e da apropriação do indivíduo – com ênfase no brasileiro – podemos entender, finalmente, que o adentrar nestes paradigmas foram cruciais para nutrir no ideário do projetista a plena noção de propriedade brasileira e a importância que o futebol possui nesta construção da identidade essencialmente brasileira sem ressalvas ou olvidar qualquer margem social, sejam os indivíduos com menor alcance financeiro, negros, mulheres ou homossexuais. A noção da constante exclusão de partes da população, gentrificação e caráter segregacionista que, muitas vezes, encontramos em nosso país é imensamente valioso para o decorrer e para a natureza investigativa que o presente trabalho, onde os holofotes apuração são voltados para o âmago do futebol e os itens próximos a ele.

De modo geral, esse trabalho se interessou por escutar todos os lados sociais, sem se esquecer de qualquer representatividade grupal. Isto, claro, com o a noção que apenas assim pode-se construir uma sociedade fluida em igualdade, democracia e suporte social.

Somente possuindo toda esta bagagem foi possível vislumbrar os trajetos que o projeto proposto em um segundo momento irá percorrer.

Inicialmente a proposta se baseia em uma inserção no terreno de um subjugado campo de futebol que, esquecido pelo poder público, foi diminuindo sua relevância no

contexto de identidade da comunidade do Poço Rico – como já apresentado anteriormente – e de seu entorno. A escolha deste local não se mostra aleatória, visto que a Av. Brasil, que margeia o terreno, liga, também, outros grandes clubes de Juiz de Fora – Tupynambás, Sport e Tupi – criando, assim, mais um fator de identidade de local com a cidade.

Nesta área será proposta não só a manutenção do campo em si, para que a prática e identidade do futebol não se percam na comunidade.

Neste mesmo espaço os projetos de inclusão, instrução e suporte social receberão espaço físico e capacidade de engrandecer todo o agrupamento de pessoas próximas a ele. Além deste fator de atendimento local, o ambiente servirá como um ponto de coordenação e centralizador para incisões mais pontuais e menores em comunidades carentes de Juiz de Fora, inserções estas que sempre contarão como os preceitos democráticos e urbanisticamente inclusivos.

A criação de uma infraestrutura melhor desenvolvida e suporte não apenas para o terreno trabalhado em si, como para seu entorno comunitário em geral.

A garantia de segurança urbana para a população presente nas comunidades próximas com a melhoria dos contextos urbanísticos.

Suporte urbano e arquitetônico para todos os moradores da região, assim como otimizações e adequações na área pública em geral.

De maneira geral, as propostas para o TCC II como as construções do saber feitas no TCC I são uma busca pela igualdade geral entre as populações das mais diversas estruturas sociais. As proposições tentam se locar de forma contextualizada com a realidade local, sem retirar nenhum tipo de característica urbano/coletiva de seus atingidos.

Bibliografia

ALMEIDA, P. **Futebol, Mercantilismo e identidade no século XXI: Hegemonia e contra-hegemonia.** [CICS NOVA]. Fórum sociológico, v. 26, n. 2, p. 7-16, 2015.

ARCHDAILY BRASIL. **Museu do Futebol / Mauro Munhoz Arquitetura.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/757567/museu-do-futebol-mauro-munhoz-arquitetura>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BEVERARI, R. F. **Futebol de Várzea: Berço de insubordinações.** 2009. 85 f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo. 2009.

CANALE, V.S., **O torcedor torce, o consumidor compra e o sócio-torcedor? – Apontamentos sobre a cidadania pelo consumo no futebol paulista.** Disponível em: < <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/o-torcedor-torce-o-consumidor-compra-e-o-socio-torcedor-apontamentos-sobre-a-cidadania-pelo-consumo-no-futebol-paulista/>>. Acesso em: 1 jun. 2017.

CERETO, M. P., **Estádios Brasileiros de Futebol: uma Reflexão Modernista?**, In: 5 Seminário DecoMomo, São Carlos, 2003. Anais 5º Seminário DecoMomo, São Carlos, Editora FTD, 2003.

CONCURSOS DE PROJETO. **Resultado – 6º Prêmio Nacional de Pré-Fabricados de Concreto para Estudantes de Arquitetura – 2º Lugar.** Disponível em: < <https://concursosdeprojeto.org/2011/12/10/resultado-6o-premio-nacional-de-pre-fabricados-de-concreto-para-estudantes-de-arquitetura-2o-lugar/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CORDEIRO, F. **Gaviões da Fiel declara apoio a ocupações e protestos de estudantes.** Disponível em: < <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,gavioes-da-fiel-declara-apoio-a-ocupacoes-e-protestos-de-estudantes-,10000003861>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

COSTA, P. H. V. ; KAWASHIRA, L. K. ; ALENCAR, C. T. ; SILVA, S.A.R. **Parceria Público Privada para Investimento em Arena Multiuso - Estudo de Caso da Arena**

Pernambuco. In: XIII Conferência Internacional da LARES - Latin American Real Estate Society, 2013, São Paulo. Anais da XIII Conferência Internacional da LARES - Latin American Real Estate Society. São Paulo: Ponto.COMM, 2013.

DAFLON, R. **Maracanã, a anatomia de um crime que destruiu o templo do futebol.** Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/deportes/1490987496_705482.html>. Acesso em: 25 mai. 2017.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais do que os homens.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAÓLIO, J. **Cultura: Educação física e futebol.** Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

ETHOS. **Dicionário online de português.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ethos/>>. Acesso em 11 mai. 2017.

FERREIRA, N. **Estádios de futebol: Surgimento, evolução e contemporaneidade como ferramenta de intervenção no Estádio Municipal Radialista Mário Helênio.** 2012.98 f. (Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais. 2012.

FRANÇA, B. **Bicha! A homofobia no futebol como legado da Copa.** Disponível em: <<https://medium.com/puntero-izquierdo/bicha-a-homofobia-no-futebol-como-legado-da-copa-9cbe4bc18df2>>. Acesso em: 11 mai. 2017

GAETE, C.M. **Os incomuns campos de futebol que melhoraram um bairro de Bangkok.** Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/798525/os-incomuns-campos-de-futebol-que-melhoraram-um-bairro-de-bangkok>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GOELLNER, S. **Mulheres e o futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** [UFRGS]. Revista brasileira de educação física e esportes, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun 2005.

GONÇALVES, E. **Ingressos de futebol no Brasil aumentaram 300% em 10 anos.** Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/04/11/ingressos-de-futebol-no-brasil-aumentaram-300-em-10-anos/>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

GORDON JUNIOR, C. **História social dos negros no futebol brasileiro**. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n.2, p.71-90, 1995.

GUERRA, A. **Museu do Futebol: uma pedagogia do olhar**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.122/3784>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

HELM, J. **6º Prêmio Pré-Fabricados para Estudantes - 2º Lugar - Conjunto Habitacional Jardim Novo Marilda / Guilherme Bravin, Livia Baldini, Maria Fernanda Basile, Marcelo Venzon**. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-14438/6o-premio-pre-fabricados-para-estudantes-2-graus-lugar-conjunto-habitacional-jardim-novo-marilda-guilherme-bravin-livia-baldini-maria-fernanda-basile-marcelo-venzon>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

HOLZMEISTER, A. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

IBOPE. **Futebol é a maior paixão dos brasileiros**. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/futebol-e-a-maior-paixao-dos-brasileiros/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

KNIJNIK, J.D.; VASCONCELLOS, E.G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J.R. (Ed.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.

KOCH, R. **Marcas da futebolização na cultura e na educação brasileira**. 2012. 207 f. Tese (Mestrado em educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Rio Grande do Sul. 2012.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, [1960] 1999.

MENDES, V. **Cinco diferenças entre o Diretas-Já de 1984 e o de 2017**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-40126343>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

MENEZES, M. L. P. MONTEIRO, G.L. **O espaço fora do lugar: Uma análise do processo de gentrificação do bairro Dom Bosco e seus impactos para a**

comunidade local. REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES, 2010. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-97.htm>> Acesso em: 28 mai. 2017.

NOGUEIRA, P. **A beleza do protesto da torcida do Corinthians.** Por Paulo Nogueira. Disponível em: < <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-beleza-do-protesto-da-torcida-do-corinthians-por-paulo-nogueira/>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

OLIVEIRA, M.H.A. **Espaço de cultura e lazer Delfim Amorim: Estudo Preliminar de uma Proposta de Requalificação para a Sede Social do América Futebol Clube.** 2015, 123 f. (Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte. 2015.

PEREIRA, M. C. **"Fla Coxinha" comanda vaias a um time limitado, mas esforçado, embora eliminado. Que torcida é essa?.** Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/402599_fla-coxinha-comanda-vaias-a-um-time-limitado-mas-esforcado-embora-eliminado-que-torcida-e-essa>. Acesso em: 01 jun. 2017.

REEVELL, J. **Entenda o escândalo de corrupção na Fifa.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150527_entenda_fifa_lab>. Acesso em: 1 jun. 2017.

RINALDI, W. **Futebol: Manifestação cultural e ideologização.** [UEM]. Revista da Educação Física, V. 11, n.1, p. 167-172, 2000.

RODRIGUES, M.S.; CARVALHO SILVA, R.F. **Cliente ou torcedores: A empresarização do Futebol.** Revista Alcance, v. 13, n.2, p. 167-184, 2006.

SANTOS, I. **"O público que devemos abolir": A elitização do futebol brasileiro e as novas arenas.** 2014. 92 f. (Trabalho de conclusão de curso em comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe. 2014.

SARTORI, C. **Democracia rubro-negra: quando a torcida do Flamengo gritou Diretas Já.** Disponível em: <<https://medium.com/puntero-izquierdo/democracia-rubro-negra-quando-a-torcida-do-flamengo-gritou-diretas-j%C3%A1-9c4c94cf64cd>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

TIME. **Soccer Fields That Fit Anywhere.** Disponível em: < <http://time.com/4572079/best-inventions-2016/?iid=sr-link1>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

UCHÔA, F.R. **Espaços e Imagens da Gentrificação no Centro de São Paulo.** [USP].
Revista Novos Olhares, V.03, n.2, p. 47-58, 2º semestre, 2014.

WASSERMANN, Rogério. **O Brasil é o país do futebol?**. Disponível em: <
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130611_brasil_pais_do_futebol_rw>.
Acesso em: 10 mai. 2017.